

A FONOLOGIA DA LÍNGUA DENI (ARAWÁ)

MATEUS CRUZ MACIEL DE CARVALHO

A FONOLOGIA
DA LÍNGUA DENI
(ARAWÁ)

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsáveis pela publicação desta obra

Alessandra Del Ré
Anise de A. G. D'Orange Ferreira
Cristina Martins Fargetti
Renata Coelho Marchezan
Rosane de Andrade Berlinck

MATEUS CRUZ MACIEL DE
CARVALHO

A FONOLOGIA
DA LÍNGUA DENI
(ARAWÁ)

© 2011 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

Cip – Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C321f

Carvalho, Mateus Cruz Maciel de

A fonologia da língua Deni (Arawá) / Mateus Cruz
Maciel de Carvalho. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

Recurso digital

Formato: ePDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7983-453-0 (recurso eletrônico)

1. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas. 2. Línguas indígenas. 3. Fonética. 4. Fonologia. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

13-07322

CDD: 412

CDU: 81'342

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Ao povo Dani

Agradeço

*a meus pais Jair Maciel de Carvalho
e Rosa Saraiva Cruz de Carvalho;*

*a meus irmão Marcello Cruz Maciel de Carvalho
e Marcella Cruz Maciel de Carvalho
e ao sobrinho Vitor Hugo de Carvalho Maia;*

ao grande amigo Jacob Roberto Adami;

a Cristina Martins Fargetti;

*à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo (Fapesp), pela bolsa de estudos concedida.*

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação	13
Introdução	15
1 A família linguística Arawá e o povo Deni	19
2 Fonêmica segmental	31
3 A sílaba	51
4 O acento	65
5 Processos morfofonológicos	75
Conclusões	93
Referências	95

PREFÁCIO

O trabalho de Mateus Cruz Maciel de Carvalho, aqui apresentado, traz importante contribuição à Linguística, mas também traz um alento: observa-se que, paulatinamente, jovens começam a se interessar pelo estudo e documentação de línguas indígenas em nosso país, o que tem sido algo novo, como aponta Lucy Seki. Isto alegra a nós, pesquisadores há mais tempo na área, por vermos que as tarefas urgentes da Linguística no Brasil, como diria Aryon Rodrigues, têm sido enfrentadas, atualmente, com ânimo e desprendimento por aqueles que ajudamos a formar. Oxalá o caminho começado possa ter continuidade e frutificar em novas pesquisas.

Embora a língua Deni já seja conhecida há algum tempo, os trabalhos que se tinha a seu respeito, até antes desta pesquisa, eram esparsos e inconsistentes, realizados por missionários cujos objetivos eram a catequese. Assim, apesar do pouco conhecimento a seu respeito, a língua foi classificada como pertencente à família linguística Arawá, juntamente com mais cinco línguas, em sua maioria faladas por povos amazônicos. Apenas a Kulina é falada no Acre, e justamente ela teria uma maior relação genética com o

Deni, constituindo ambas um provável subgrupo. Diversas tentativas de compreender as relações entre estas línguas já foram feitas, como é apontado no início do trabalho, e, obviamente, estudos mais aprofundados das línguas dessa família, como o que se inicia, poderão esclarecer hipóteses.

Mateus de Carvalho enfrentou o desafio de realizar uma análise fonológica preliminar para chegar a uma compreensão melhor do sistema de consoantes e vogais da língua. Entretanto, foi além, observando vários processos morfofonológicos, a constituição da sílaba e o padrão acentual. Sua documentação da língua lhe permite uma continuidade de suas pesquisas, em nível de doutorado, o que será muito oportuno, diante da urgência de documentação e de estudo das línguas indígenas brasileiras, em especial de representante de uma família linguística pouco conhecida: seus resultados alcançados permitirão um avanço em tal conhecimento, uma possibilidade de comparação com dados de outras línguas, apresentando hipóteses histórico-comparativas, que lancem luzes sobre a história dos contatos linguísticos ocorridos entre os povos envolvidos, observando empréstimos, influências morfossintáticas e fonético-fonológicas.

Com alegria e esperança vejo, portanto, este trabalho, precursor de uma vida acadêmica promissora e de um relacionamento de cumplicidade com os Deni, em seus projetos relativos a ensino, documentação, revitalização e preservação de sua língua e de seus costumes.

Cristina Martins Fargetti
Unesp, junho de 2013

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto da dissertação de mestrado intitulada *Análise fonológica da língua Deni (Arawá)*, realizada entre fevereiro de 2011 e fevereiro de 2013, na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, sob a orientação da professora Cristina Martins Fargetti.

Meu interesse pelas línguas indígenas brasileiras surgiu no começo da graduação, durante leituras que apontavam para a importância e a necessidade de se estudar tais línguas, visto que a história nos mostra que muitos povos e, conseqüentemente, muitas línguas indígenas brasileiras foram extintos sem deixar nenhum tipo de estudo. Cabe mencionar que os estudos sobre as línguas indígenas do mundo tiveram grande contribuição para o desenvolvimento da Linguística.

O presente livro busca trazer uma contribuição para a linguística indígena brasileira, área que carece, ainda, de muita atenção, visto que são poucas as línguas indígenas brasileiras que apresentam estudos avançados. Esta obra contribui, ainda, para o conhecimento das línguas

da Arawá, família que possui um acervo de estudos bastante limitado.

Para a realização desta pesquisa, foram realizados dois trabalhos de campo junto a falantes nativos da língua Deni. O primeiro foi realizado durante a última semana do mês de julho e a primeira semana do mês de agosto de 2011, na cidade de Lábrea (AM), quando alguns Deni lá estavam para fazer documentos que permitem a eles receber auxílios financeiros do governo. O segundo trabalho de campo foi realizado entre os meses de novembro de 2011 e janeiro de 2012 em Lábrea e na aldeia Cidadezinha, primeira aldeia Deni no rio Cuniuá.

A metodologia usada no trabalho de campo seguiu os passos tradicionais da coleta de dados linguísticos junto a falantes nativos. Os dados coletados foram, em sua totalidade, expressões orais, tal como histórias, músicas, diálogos e, principalmente, itens lexicais isolados e sentenças. Os itens lexicais e as sentenças foram coletados por meio dos questionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) e de Henri Ramirez (s.d.). Além desses questionários, foram utilizados, para a coleta de dados, os guias de Cavalcante (2010) e Oliveira e Cassaro (1999). Os objetos e coisas do mundo empírico (armas de caça, pesca, artesanatos, aves, animais etc.) também serviram de apoio para coletar dados. Os dados foram gravados e armazenados em meio digital para que pudessem ser consultados posteriormente. Vale dizer que os dados foram transcritos no momento da coleta seguindo os símbolos do International Phonetics Association (IPA).

Buscando apresentar uma visão ampla do sistema fonológico da língua Deni, este livro traz análises de vários aspectos da fonologia de tal língua, tais como: os quadros fonéticos e fonológicos das consoantes e vogais; os padrões silábicos possíveis; o padrão acentual em palavras simples e compostas; e os processos morfofonológicos. Além disso, apresentam-se, aqui, informações sobre localização, distribuição das aldeias e população do povo Deni.

INTRODUÇÃO

É canônica a história de que o Brasil começa com o “descobrimento” feito pelos portugueses em 1500. Logo depois do desembarque, os portugueses puderam ver que a terra recém-“descoberta” era habitada por índios e, portanto, eles não eram os primeiros muito menos os únicos a pisarem naquela terra. Ainda no primeiro século do período colonial, veio a exploração do interior do país; atrelada a ela veio o conhecimento de que ali havia muitos povos de diferentes línguas, e não apenas aqueles que viviam na região costeira com quem tinham sido feitos os primeiros contatos.

Cardin (apud Rodrigues, 2005) fez uma relação antes de se completar um ano da chegada dos portugueses às terras hoje brasileiras: 76 povos indígenas, falando 65 línguas distintas, que se encontravam numa estreita faixa paralela à costa leste, desde o rio São Francisco, ao Norte, até o Rio de Janeiro, ao Sul. Essa relação de Cardin serviu como ponto de partida para a estimativa de Rodrigues (2005) de que eram faladas, à época do “descobrimento”, 1.200 línguas no território brasileiro.

O quadro retratado por Cardin (apud Rosa, 2003, p.136, *italico da autora, negrito meu*) mostra a dificuldade em

mencionar o número de línguas faladas no Brasil no momento da chegada dos portugueses:

Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de diferentes linguas, porém uma é a principal que comprehende algumas dez nações de Indios; estes vivem na costa do mar, e em uma corda do sertão, porém são todas estes de uma só lingua ainda que em algumas palavras discrepão e esta é a que entendem os Portuguezes.

Todas estas nações acima ditas, ainda que diferentes, e muitas dellas contrarias umas das outras, têm a mesma língua, e nestes se faz a conversão. (itálico da autora; negrito meu)

A relação e o quadro retratado por Cardin (apud Rosa, 2003) são argumentos consistentes para se afirmar que muitas línguas eram faladas no Brasil em 1500. Para Altman (2003, p.57), “dependendo do critério utilizado para se distinguir ‘língua’ de ‘variedade de língua’, o número pode variar na literatura sobre as línguas sul-americanas, mas nunca será de baixas proporções”.

Atualmente, Rodrigues (2002) considera que são faladas no Brasil cerca de 181 línguas indígenas. Moore et al. (2008, p.1) dizem que, “embora 180 venha sendo repetido com frequência como o total de línguas de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150”. Os resultados do último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que há 896,9 mil índios de 305 etnias falando 274 línguas. A inexatidão quanto ao número de línguas indígenas faladas no Brasil se deve à relatividade dos conceitos de “língua” e “dialeto”, visto que, muitas vezes, a distinção entre “língua” e “dialeto” é mais política que propriamente linguística.

Os estudos referentes às línguas indígenas tiveram grande contribuição para o desenvolvimento da Teoria Linguística Geral. Os pioneiros nos estudos sobre tais línguas foram Franz Boas e Edward Sapir; eles tiveram grande importância para o desenvolvimento da Linguística enquanto ciência. No Brasil, a pesquisa em linguística indígena ainda é recente. O fato de que, em 1595, José de Anchieta publicou uma gramática do Tupi pode nos conduzir ao equívoco de imaginar que as línguas indígenas brasileiras vêm sendo estudadas há muito tempo. Nos primeiros quatro séculos, foi feito pouquíssimo sobre essas línguas. Geralmente, eram feitos vocabulários bilíngues que tinham por objetivo ajudar na comunicação.

Foi a partir de 1958, com a chegada do Summer Institute of Linguistics (SIL), que as línguas indígenas brasileiras começaram a ser estudadas sistematicamente. Entretanto, foi só a partir da década de 1980 que a linguística indígena passou a experimentar um grande desenvolvimento no Brasil (Seki, 2000). O estudo científico das línguas indígenas brasileiras, portanto, é recente e o número de pesquisadores dedicados a ele ainda é pequeno.

A partir da década de 1980, como salientou Seki (*ibidem*), é notável o crescimento de estudiosos dedicados à pesquisa com as línguas indígenas brasileiras. Além do interesse dos pesquisadores brasileiros que trabalham em Universidades públicas (Unicamp, UnB, USP, Unesp, UFG, Ufam, entre outras), as línguas indígenas brasileiras têm sido alvo de pesquisadores estrangeiros, como Alexandra Aikhenvald, Robert Dixon, Spike Gildea, Denny Moore, Daniel Everett.

1

A FAMÍLIA LINGUÍSTICA ARAWÁ E O POVO DENI

A família linguística Arawá é composta atualmente por cinco línguas faladas por povos que estão localizados entre os rios Juruá e Purus, no sul do estado do Amazonas, exceto a língua Kulina, que se estende ao estado do Acre e ao Peru. Para Dixon (1999), a família Arawá já foi composta por seis línguas, denominadas: Paumarí, Madi, Sorowahá, Deni, Kulina e Arawá. Para o autor, a língua Madi é falada por três povos, cada um com seu próprio dialeto: Jarawara, Jamamadi e Banawá. O autor afirma ainda que a língua Arawá está extinta desde 1880. Isso pode ser visto na lista abaixo, extraída de Dixon (ibidem, p.294):

- 1 Paumarí (c. 600, only c. 200 speak the language)
- 2 Madi, spoken by three tribes, each with its own dialect:
 - Jarawara (c. 150)
 - Jamamadi (c. 190)
 - Banawá (c. 80)
- 3 Sorowahá (c. 100)

Dení-Kulina subgroup

- 4 Dení (c. 1,000)
- 5 Kulina (or Madiha or Madija) (c. 2,500)
- 6 Arawá (extinct since about 1880)

Dixon (ibidem, p.294) considera as línguas Deni e Kulina como pertencentes a um subgrupo que ele denomina “Dení-Kulina”; o autor afirma que “há diferenças gramaticais suficientes para estabelecê-las como línguas distintas, mas elas claramente constituem um subgrupo”¹.

Dienst (2008, p.66) apresenta uma classificação interessante sobre a família linguística Arawá, na diz haver dois dialetos Jamamadi: um pertencente ao subgrupo Madihá, que ele denomina “*Western Jamamadi*” (Jamamadi Ocidental), e um outro que ele denomina “*Eastern Jamamadi*” (Jamamadi Oriental). Para o autor, os Jamamadi que pertencem ao grupo Madihá (“*Western Jamamadi*”) vivem perto das cidades de Boca do Acre e Pauini; já os Jamamadi que pertencem ao grupo Madi (“*Eastern Jamamadi*”) vivem perto da cidade de Lábrea. Segue a figura proposta por ele que representa as relações genéticas internas à família linguística Arawá.

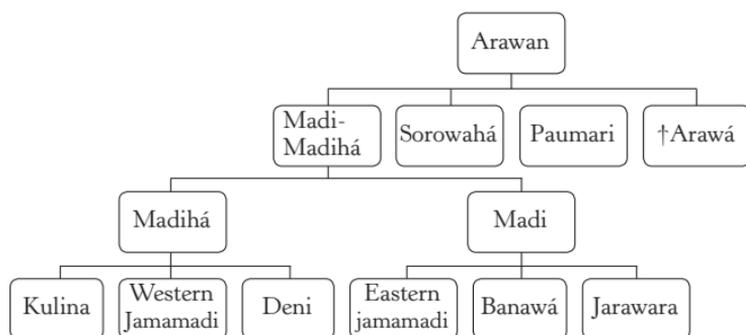


Figura 1 – Relações genéticas da família linguística Arawá

Fonte: Dienst (2008, p.66)

1 “There are enough grammatical differences between Deni and Kulina to establish them as distinct languages, but they plainly constitute one subgroup.”

Em Everett (1995, p.298) a família linguística Arawá também é representada em termos de relações genéticas entre seus membros. Tal representação é feita por meio de uma árvore, em que as línguas estão representadas em negrito, as protolínguas estão em itálico e os dialetos em letras normais, como pode ser visto a seguir.

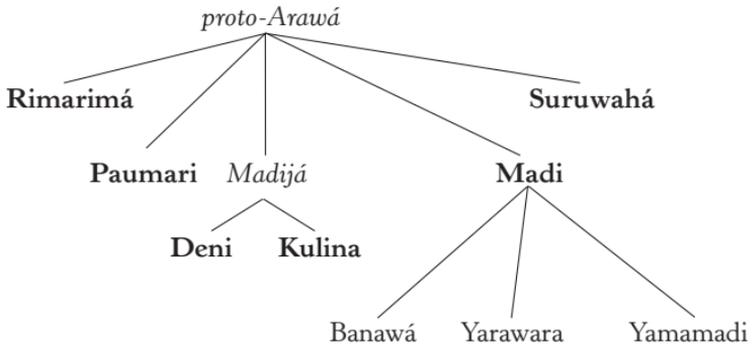


Figura 2 – Relações genéticas da família linguística Arawá

Fonte: Everett (1995, p.298)

As línguas Arawá são faladas por povos que se concentram em aproximadamente vinte terras indígenas na área etnográfica que compreende os rios Juruá e Purus, no sul do estado do Amazonas, com exceção da língua Kulina, que é falada no Acre e no Peru.²

Como já foi dito, o estudo científico das línguas indígenas brasileiras ainda é recente, visto que apenas na década de 1980 passou a experimentar um grande desenvolvimento. O reflexo disso é uma literatura muito limitada sobre tais línguas. Em se tratando das línguas Arawá, Dixon (1999, p.293-4) apresenta um apanhado sobre os estudos já realizados:

² Melatti (2012) apresenta um mapa que compreende os povos e línguas faladas na região Juruá-Purus.

Os materiais disponíveis são de qualidade desigual. Dixon e Vogel têm uma extensa gramática do Jarawara em estágio avançado de preparação.³ Equipes do SIL têm feito alguns trabalhos linguísticos sobre os dialetos Jamamadi e Banawá da língua Madi, sobre o Deni e Kulina (do lado do Peru), têm produzido manuscritos sobre a gramática e rascunhos de dicionário para todas as quatro variedades. Para o Paumari há um longo esboço gramatical, de boa qualidade, de Chapman e Derbyshire (1991); [...] Missionários dos Jovens Com Uma Missão (JOCUM) têm feito um trabalho linguístico preliminar do Sorowahá. [...] Monserrat e Silva (1986) e Silva e Monserrat (1984) publicaram uma gramática e um dicionário pequenos de um dialeto Kulina falado no Acre.⁴

O povo Deni e sua localização

O povo Deni vive no estado do Amazonas em uma região entre os rios Juruá e Purus, região essa que compreende os municípios de Itamarati, Lábrea e Tapauá. Desde a década de 1930 há intervenções do Estado buscando a demarcação da Terra Indígena Deni. Os Deni

3 Essa obra já foi publicada (cf. Dixon, 2004).

4 “Materials available are of uneven quality. Dixon and Vogel have an extensive grammar of Jarawara in an advanced stage of preparation. SIL teams have done some linguistic work on the Jamamadi and Banawá dialects of Madi, on Deni and Kulina (from the Peru side), producing manuscript sketch grammars for Deni and Kulina and draft dictionaries for all four varieties. For Poumari there is a lengthy grammatical sketch, of good quality, by Chapman and Desbyshire (1991); [...] missionaries from Jovems (sic.) Com Uma Missão (JOCUM) have done some preliminary linguistic work on Sorowahá. [...] Monserrat and Silva (1986) and Silva and Monserrat (1984) have published a short grammar and dictionary of a dialect of Kulina spoken in Acre.”

trabalharam ativamente no processo de demarcação de sua terra no ano de 2001; essa demarcação garantiu-lhes 1.530.000 de hectares. Entretanto, a homologação feita pelo Presidente da República veio somente em 2004 (Pezzuti; Chavez, 2009).

Os trabalhos de campo que resultaram no texto de Pezzuti e Chavez (*ibidem*) foram realizados no fim do ano de 1998 e início de 1999. Nesse estudo – por questões metodológicas –, os autores dividiram a terra indígena Deni em duas porções: uma porção ocidental e uma oriental, cada uma delas contendo quatro aldeias; à época havia, portanto, oito aldeias Deni.

Na porção ocidental existem quatro aldeias, situadas no rio Xeruã (bacia do Juruá) e alguns de seus afluentes. São elas: Rezemã, Morada Nova, Boiador e Itaúba. Na porção oriental existem mais quatro aldeias, todas situadas à margem do rio Cuniuá, afluente do rio Purus: Cidadezinha, Marrecão, Visagem e Samaúma. (*ibidem*, p.123)

Pezzuti e Chavez (*ibidem*) mostraram ainda que, à época do trabalho de campo, havia 666 índios que habitavam a terra indígena e que, em 2002, as ONGs Greenpeace, Cimi e Opan indicaram um crescimento populacional dos Deni para 736.

Atualmente, a situação é diferente. A etnia conta com seis aldeias ao longo do rio Cuniuá (Cidadezinha, Marrecão, Viagem, Sikurihá, Volta Grande e Samaúma) e mais três aldeias no rio Xeruã (Morada Nova, Boiador e Itaúba). Portanto, são nove aldeias espalhadas pela terra indígena Deni. A população também cresceu. O censo da Funasa divulgado em 2010 mostra que em julho daquele ano os Deni contavam com uma população de 1254 índios, tal como pode ser visto na planilha a seguir, extraída do site da Funasa.

Tabela 1 – População Deni em 2010, de acordo com a Funasa



Quantitativo de Pessoas

UF: **AM**DSEI: **TODOS**MUNICÍPIO: **TODOS**POLO BASE: **TODOS**ALDEIA: **TODAS**ETNIA: **DENI**PERÍODO: **(Dados referentes a 1º de julho de 2010)**

PERÍODO	ETNIA	Quantidade de Pessoas
2010	DENI	1254

Fonte: Siasi – Funasa (MS), 28/09/2011

Estudos anteriores sobre a língua Deni

Há poucos estudos realizados sobre a língua Deni. Com exceção de Everett (1995), todos os trabalhos realizados sobre a língua são manuscritos elaborados por missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL), nas décadas de 1970 e 1980, e que tiveram versão *on-line* recentemente, possibilitando o acesso. É importante mencionar que o objetivo dos missionários era converter os índios ao cristianismo. A tradução da Bíblia era um passo necessário para o cumprimento desse objetivo. Estudar a língua, portanto, não era o objetivo central, mas sim um dos passos para se cumprir a meta principal: a tradução da Bíblia e a conversão dos índios ao cristianismo. Foi isso o que aconteceu com os Deni e com grande parte dos povos indígenas brasileiros.

Os manuscritos elaborados pelos missionários que estão disponíveis no site do SIL são os seguintes: “Notas sobre

morfologia verbal Dení” (1977), de Paul Moran e Dorothy Moran; “*Processes and roles in Dení clause structure*” (1977), de Gordon Koop; “*Dení verb endings*” (1980), de Gordon Koop; “*Dicionário Dení-Português*” (1985), de Gordon e Lois Koop; e “*Os afixos pessoais em Deni*” (1976), de Gordon Koop.

Moran e Moran (ibidem, p.1) apresentam uma “análise preliminar da morfologia verbal da língua Deni” em que a estrutura verbal é descrita em termos de quatro camadas: radical, base, tema e palavra. Os autores apresentam duas figuras: uma para representar os verbos em que o marcador de pessoa vem depois da raiz verbal; e outra para representar os verbos em que o marcador de pessoa vem antes da raiz verbal. Essas figuras apresentam os elementos obrigatórios da palavra verbal, que são: marcador de pessoa; radical verbal; e aspecto/tempo/mo-
do.

Os autores também apresentam uma análise sobre alguns processos morfofonológicos na língua Deni. Apontam quatro regras morfofonológicas: elisão; inserção; redução; e perturbação. Na elisão, “se um morfema termina na vogal -a, iniciando-se o morfema seguinte com vogal idêntica, uma delas se suprime”;⁵ na inserção, “se a raiz verbal começa com vogal, insere-se consoante -v- antes da raiz”;⁶ na redução, “a sequência, marcador da segunda pessoa -ti seguido de marcador de classe -na, reduz-se à sílaba simples -ta”;⁷ na perturbação, alguns sufixos “produzem alteração da vogal -a do sufixo anterior em -i, mas sem aparente regra fonológica” (ibidem, p.29-30). No último item deste livro, reanalisamos os processos morfofonológicos na língua Deni.

5 Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de crase.

6 Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de epêntese.

7 Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de haplogogia.

Em se tratando de fonologia, Moran e Moran (*ibidem*, p.33) apresentam uma lista composta por vogais e consoantes. Nela, o que está entre barras são os fonemas descritos pelos autores; a representação ortográfica de cada fonema aparece como as letras do alfabeto:

Vogais. a /a/, e /e/, i /i/, u /u/

Consoantes. p /p/, pp /ph/, b /β/, t /t/, tt /th/, d /dʔ/,
k /k/ /kw/, kk /kh/ /khw/,

‘ /ʔ/, s /ts/, ss /tsh/, z /dz/.

v /b/, m /m/, n /n/, r /rɫ/, h /h/

Uma reanálise da lista leva a uma interpretação de que /khw/ e /kw/, apesar de aparecerem entre barras, devem ser considerados como alofones, e não fonemas. Um indício disso é o fato de todos os manuscritos que fazem referência aos fonemas da língua Deni citarem apenas dezessete fonemas consonantais, ou seja, não contam /khw/ e /kw/ como fonemas.

Ao tratar dos afixos pessoais na língua Deni, Koop (1976) os apresenta em dois grupos: regular e direcionado. A maior parte do trabalho é dedicada ao estudo dos afixos regulares e às propriedades comuns a ambos os grupos. Em Deni, há radicais verbais que recebem prefixo ou sufixo pessoal; o autor afirma que tais radicais “não constituem conjuntos semântica ou gramaticalmente definidos” (*ibidem*, p.2). Também apresenta processos morfofonológicos envolvendo os prefixos pessoais em alguns verbos cuja marcação de pessoa se dá por meio de prefixo. Quando o radical desses verbos inicia-se por vogal, há o processo de epêntese da consoante /v/. Entretanto, isso não é o que ocorre com o verbo [ɛhɛbu] “comer”, visto que a primeira vogal é suprimida nas formas de primeira e se-

gunda pessoas do singular, aparecendo apenas na forma de terceira pessoa, marcada pelo |Ø-|. Koop (ibidem, p.3) ainda mostra a conjugação de tal verbo:

- “u-hébu-aru” (eu-comer-não=futuro) “eu comi”;
- “i-hébu-aru” (nós-comer-não=futuro) “nós comemos”;
- “ti-hébu-aru” (você-comer-não=futuro) “você comeu”;
- “ti-heúbu-aru” (você-comer+V2pl-não=futuro) “vocês comeram”;
- #-“ehébu-aru” (3ª pessoa-comer-não=futuro) “ele, ela, eles ou elas comeram”.

Koop (1977) discute três tipos de processos expressos pelos verbos em Deni, bem como seus papéis correspondentes. O autor apresenta algumas especificações dentro de cada processo. No processo de ação, ele trata do “*non-motion*” (sem movimento), do “*motion*” (movimento) e do “*peripheral roles for action processes*” (papéis periféricos para processos de ação). No processo mental, trata do “*locutionary process*” (processo locutório), do “*perception process*” (processo de percepção) e do “*desiderative process*” (processo desiderativo). Por fim, o processo relacional é dividido pelo autor em “*attributive*” (atributivo), “*identification*” (identificação), “*ambient*” (ambiente), “*possession*” (posse) e “*presentation*” (apresentação).

Em artigo de 1980, o mesmo autor traz explicações sobre o valor de algumas terminações verbais na língua Deni. Afirma que seu texto não é uma descrição exaustiva, e que há mais terminações ou combinações de terminações verbais em Deni que ele não mencionou. Nesse texto, Koop apresenta as seguintes terminações: “*aspectual endings*” (terminações aspectuais); “*derivational endings*” (terminações derivacionais); “*verb endings in the interrogative mood*” (terminações verbais no modo interrogativo); “*verb endings in the imperative mood*” (terminações verbais

no modo imperativo); “verb endings of the performative, inferential, experience vs. non-experience types” (terminações verbais dos tipos performativo, inferencial, experiência vs. não experiência).

Sobre a fonologia da língua, Koop (1976; 1977; 1980) cita dezessete fonemas consonantais e quatro vocálicos. Fala ainda sobre a dificuldade em se fazer afirmações sobre as regularidades do acento na língua Deni devido à complexidade de sua natureza (idem, 1970).

O *Dicionário Deni-Português* de Koop e Koop (1985) apresenta três seções: 1) considerações gramaticais sobre a língua Deni; 2) os verbetes (a macroestrutura) em ordem alfabética na língua Deni; 3) um vocabulário em português com a tradução correspondente na língua Deni. Na parte que trata da gramática, os autores afirmam que a língua Deni possui sete classes de palavras (verbo, advérbio, substantivo, pronome, adjetivo, numeral e conjunção) e tecem explicações sobre cada uma delas. Os verbetes em tal obra trazem uma definição gramatical e o correspondente em português. A última seção faz o contrário: apresenta a palavra em português e seu correspondente em Deni. Não há, no dicionário, nenhuma menção direta à fonologia da língua Deni; porém, podemos associar aos fonemas os grafemas utilizados na escrita da língua. Os autores também apresentam dezessete símbolos consonantais e quatro vocálicos.

Everett (1995) apresenta os sistemas prosódicos das cinco línguas vivas que compõem a família linguística Arawá. Ao tratar dos fonemas, o linguista apresenta o quadro proposto por Moran e Moran (1977). As conclusões sobre a sílaba e o acento na língua Deni apresentadas nesta dissertação diferem das que foram apresentadas por Everett (1995).

Para Everett (1995), a língua Deni apresenta o padrão silábico CV, ou seja, toda sílaba possui obrigatoriamente

uma consoante na posição de *onset* e uma vogal na posição de núcleo. Embora este seja um padrão simples, Everett (ibidem, p.307) afirma que “a *manutenção* deste padrão em face de mudanças morfofonológicas é interessante por ilustrar um tipo de *repair strategy* (Paradis, 1988) ou a interação de restrições hierárquicas (Prince e Smolensky, 1993)” (grifo do original). Para o linguista, sequências CVV aparecem apenas em processos morfofonológicos decorrentes da sufixação e da infixação.

Na análise de Everett (ibidem), há obrigatoriamente, na sufixação, uma haplologia vocálica, pois ocorre a redução de duas vogais idênticas a uma única vogal. Segue o exemplo do autor:

- (1) hapinaru (cf. *hapiinaru)
hapi-i na-aru
 banhar:se 1PL AUX-DEC.F⁸

Para solucionar o problema das sequências vocálicas (sílabas CVV), além da haplologia, o autor, afirma que há o processo de ditongação. Segue o exemplo proposto pelo linguista:

- (2) *tihamiaru* (cf. tihamiaru)
 ti-hami-aru
 2-zangar:se-DEC.F
 “Você zangou-se”⁹

A infixação, por sua vez, ocorre com a segunda pessoa do plural devido ao processo reduplicativo (ibidem), tal como pode ser visto no exemplo a seguir:

8 A numeração original do exemplo do autor é (26).

9 A numeração original do exemplo do autor é (28).

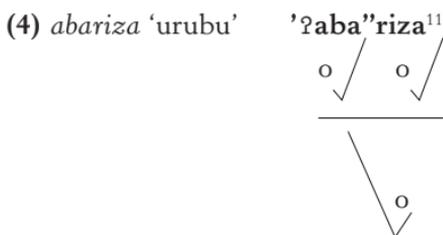
(3) a. *ti-kha-thim-aru*

2-MOV-rio:acima-DEC.F

“Você sobe o rio”

b. *ti-kha-thim-a-aru*2-MOV-rio:acima-**PL**-DEC.F“Vocês sobem o rio”¹⁰

Ao tratar do acento na língua Deni, Everett (ibidem, p.312) afirma que o padrão “é trocaico, isto é, a língua constrói pés com núcleo à esquerda. Tais pés são construídos da esquerda para a direita”. Seguem exemplos do autor:



10 A numeração original do exemplo do autor é (30).

11 A numeração original do exemplo do autor é (39).

12 A numeração original do exemplo do autor é (43).

2

FONÊMICA SEGMENTAL

A fala humana é caracterizada pela produção de sons por meio dos quais os falantes veiculam significados e interagem socialmente. Para Spencer (1996, p.1), “o estudo dos sons da fala é dividido entre duas disciplinas distintas, mas relacionadas, *fonética e fonologia*”¹ (grifo do original). Embora sejam reconhecidamente disciplinas diferentes – visto que apresentam diferentes formas de tratar o mesmo objeto (o som) –, é difícil delimitar as fronteiras existentes entre elas, principalmente pelo fato de que a análise fonológica é fundamentada nos fatos fonéticos, e a pesquisa fonética tem que ser orientada para as capacidades do trato vocal humano, as quais são úteis especificamente para a linguagem (ibidem).

Os sons da linguagem humana podem ser analisados de várias perspectivas. Uma delas é analisar seu caráter anatômico e fisiológico: como os órgãos funcionam durante a fala. Outra é analisar as propriedades dos sons que são

1 “*The study of speech sounds is partitioned between two distinct but related disciplines, phonetics and phonology.*”

produzidos pelo aparelho fonador; tais sons são transmitidos e se propagam por meio de ondas sonoras. Ainda é possível estudar a forma como os sons são percebidos pelo ouvinte (Clark; Yallop, 1995). Essas perspectivas de estudo sobre os sons da fala pertencem à ciência fonética, a qual se subdivide em campos: a fonética articulatória, que se preocupa com a forma com que os sons são produzidos pelo aparelho fonador; a fonética acústica, que se dedica ao estudo da forma como os sons se propagam no ar por meio de ondas sonoras; e a fonética auditiva, que se atém ao modo como as pessoas recebem/percebem os sons.

Clark e Yallop (ibidem, p.2) dizem que “a fala é uma atividade humana intencional: não é somente movimento, energia ou ruído, mas uma atividade organizada sistematicamente, intencionada – sob circunstâncias normais – a transmitir significado”.² A fonologia dedica-se, então, à forma sistemática como cada língua organiza seu sistema sonoro. Embora haja alto índice de variabilidade fonética na produção das palavras (devido a variações no tamanho e na forma dos articuladores e do trato vocal), os falantes de uma mesma língua se comunicam; isso porque, na mente humana, a fonologia funciona como um filtro no qual todos os resíduos (variabilidade na produção dos sons) são filtrados e, assim, são passíveis de identificação. A fonologia possui um caráter psicológico – abstrato, portanto.

Referindo-se às duas ciências que lidam com os sons da linguagem humana, Hernandorena (1999, p.12) aponta para o fato de que

2 “[...] *speech is a purposeful human activity: it is not just a movement or energy or noise but a systematically organized activity, intended – under normal circumstances – to convey meaning.*”

[...] a fonética se dedica ao estudo de todo o som produzido pelo aparelho fonador e utilizado na fala; a fonologia, diferentemente, detém-se nos sons capazes de distinguir significados – tradicionalmente designados de *fonemas* – e na forma como se organizam e se combinam para formar unidades linguísticas maiores, bem como nas variações que esses fonemas apresentam.

Feitas essas breves considerações sobre as duas disciplinas que tratam dos sons da fala humana, cabe, agora, apresentar as técnicas que tradicionalmente são usadas para a identificação de fonemas nas línguas naturais.

Análise fonológica: técnicas de identificação de fonemas

As técnicas clássicas de identificação de fonemas foram propostas por Pike (1971 [1947]) e são tradicionais nos trabalhos com línguas que não tiveram seus inventários fonológicos descritos. Tratando das técnicas propostas por Pike (1971 [1947]), Cagliari (2002, p.55-9) apresenta os passos que devem ser dados e a ordem que tais passos devem seguir em uma análise fonológica: o *corpus*; a tabela fonética; os pares suspeitos; os pares mínimos; os ambientes análogos; a distribuição complementar; os outros tipos de variação; os sons restantes; o inventário de fonemas; os processos fonológicos (ou regras fonológicas); a transcrição fonológica.

Os passos da análise fonológica apresentados por Cagliari (2002) podem ser divididos em dois grupos: um que se refere à transcrição fonética (o *corpus*, a tabela fonética e os pares suspeitos) e o outro que se refere à interpretação fonológica (começa com os pares mínimos e vai até os processos fonológicos).

O primeiro passo da análise é coletar os dados por meio de transcrição fonética minuciosa, isso porque a análise fonológica é baseada nos dados fonéticos. Obtido o *corpus*, elabora-se a tabela fonética com todos os sons presentes nele. De posse da tabela fonética, então, são marcados os pares de sons foneticamente semelhantes. Para cada par suspeito, buscam-se, no *corpus*, pares mínimos, pois eles estabelecem que dois sons são fonemas distintos. Na análise de línguas pouco conhecidas, é comum não encontrar pares mínimos para todos os pares suspeitos. Quando isso ocorre, recorre-se ao contraste em ambiente análogo para verificar se são ou não fonemas distintos.

Um passo importante para a análise fonológica é verificar se, para alguns pares de sons foneticamente semelhantes, ocorre a distribuição complementar, que consiste na ocorrência de alofones de um único fonema em contextos particulares. Há ainda outros tipos possíveis de variação: *overlapping*, variação livre, neutralizações, etc. Feita a análise de todos os pares listados na tabela fonética, o próximo passo é verificar o *status* dos sons isolados na tabela fonética. Depois disso, o último passo é colocar os fonemas na tabela fonológica. Tem-se, assim, o inventário fonológico da língua.

Na análise fonológica apresentada aqui, foram dados os seguintes passos na seguinte ordem: primeiro foi elaborado o *corpus* por meio de transcrição fonética; todos os sons (consonantais e vocálicos) presentes no *corpus* foram colocados em tabelas fonéticas (consonantal e vocálica); foram listados, então, os sons (consonantais e vocálicos) foneticamente semelhantes; depois foram identificados os pares mínimos para cada par de sons foneticamente semelhantes; por fim, a identificação de sons que apresentam variação livre. A análise se baseia, portanto, nos conceitos de “similaridade fonética”, “contraste em ambiente idêntico” (doravante CAI) e “variação livre”.

Fones consonantais

Foram identificados, na língua Deni, dezenove fones consonantais, os quais podem ser vistos na tabela a seguir:

Quadro 1 – Fones consonantais

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d	k	ʔ
Aspiradas	p ^h		t ^h	k ^h	
Nasais	m		n		
Laterais			l		
Tepe			r		
Fricativas		v	s z		h
Africadas			ts dz		

Apresentada a tabela com os fones da língua Deni, cabe mostrar exemplos de ocorrências destes em palavras da língua:

(6) Consoante oclusiva bilabial surda [p]

[pa 'tsu] “Água”

[upεμεa 'ru] “Eu estou com fome”

[putaha 'ru] “Grande”

[pitsa 'ne] “Gato”

[aba 'pu] “Morto”

[tsupa 'ta] “Goiaba”

[dza 'pi] “Rato”

(7) Consoante oclusiva bilabial surda aspirada [p^h][dup^hi ' p^hi] “Beija-flor”[p^huva ' ni] “Inverno”[ap^ha ' u] “Pato”[p^ha ' ta] “Cerveja”**(8)** Consoante oclusiva bilabial sonora [b]

[bahikana ' dε] “Bonita”

[bukε ' dε] “Bravo”

[bε ' ku] “Café”

[biri ' ba] “Ata” (fruta)

[abika ' ru] “Quente”

[εbenu ' ni] “A língua dela”

[vari ' bu] “A orelha dele”

(9) Consoante oclusiva alveolar surda [t]

[ta ' ti] “A cabeça dele”

[tutapu ' tu] “Roupa”

[dzupa ' ti] “Caju”

[dzuva ' tu] “Mulher” (jovem)

[katu ' mi] “Banana São Tomé”

(10) Consoante oclusiva alveolar surda aspirada [t^h][t^hat^hana ' ri] “Ele está com medo”[mε ' t^ha] “Ontem”[ma ' t^hu] “Pescoço”

[hibanamu 't^ha] “Hoje”

[vit^ha 'ri] “Sentado”

(11) Consoante oclusiva alveolar sonora [d]

[da 'pu] “Jacu”

[dɛ 'ru] “Barata”

[muʔ 'du] “Tipo de tamanduá”

[uʔ 'di] “Buraco”

[baʔ 'du] “Veado”

[hada 'vi] “Maduro”

[di 't^sa di 't^sa] “Arco”

(12) Consoante oclusiva velar surda [k]

[kidzana 'dɛ] “Doente”

[kuma 'ru] “Dor”

[kiri 'dɛ] “Preto”

[ku 'ka] “Pica-pau”

[hakuva 'ru] “Capivara”

[mara 'ka] “Açaí”

[bukia 'ri] “Bravo”

(13) Consoante oclusiva velar surda aspirada [k^h]

[nu 'k^hu] “Olho dele”

[ak^ha 'ri] “Aquele”

[ma 'k^hi] “Homem”

[k^hubu 'ri] “Joelho dele”

(14) Consoante oclusiva glotal surda [ʔ]

[uʔ 'di] “Buraco”

[aʔda 'mi] “Barranco”

[dza 'ʔu] “Preguiça”

[aʔ 'ba] “Peixe”

[pu 'ʔu] “Mandioca”

(15) Consoante africada alveolar surda [ts]

[tsapa 'va] “Sabão”

[pa 'tsu] “Água”

[itsi 'ʔi] “Tatu”

[tsupa 'ta] “Goiaba”

[i 'tsu] “A perna dele”

(16) Consoante africada alveolar sonora [dz]

[dzuma 'hi] “Onça”

[kava 'dzu] “Mamão”

[mε 'dzε] “Cachorro”

[dza 'k^hi] “Tucano”**(17)** Consoante fricativa labiodental sonora [v]

[vε 'dze vεdze 'ri] “Nadadeira do peixe”

[vi 'ni] “Grilo”

[vaha 'ra] “Carapanã”

[uta 'vi] “Cará”

[εhe 'vε] “Criança”

[kava 'dzu] “Mamão”

(18) Consoante fricativa alveolar surda [s]

[si 'nɛ] “Rapé”

[pa 'su] “Água”

[si 'nu] “Camarão”

(19) Consoante fricativa alveolar sonora [z]

[zu 'tu] “Ânus”

[variku 'zɛ] “Tipo de tatu”

[hiza 'ma] “Queixada”

[zuki 'ra] “Sal”

(20) Consoante nasal bilabial sonora [m]

[mimi 'dɛ] “Frio”

[ma 'hi] “Sol”

[mɛ 'dzɛ] “Cachorro”

[mu 'vi] “Macaco da noite”

[nɛ 'mɛ] “Céu”

[dzuma 'hi] “Onça”

[dzutu 'mi] “Quati”

[mamu 'rɛ] “Matrinxã”

(21) Consoante nasal alveolar sonora [n]

[na 'mi] “Barro”

[nɛ 'mɛ] “Céu”

[nuk^hu 'tɕi] “Sobrancelha”

[ni 'ha] “Vamos!”

[anubɛ 'dza] “Caititu”

[tu 'nɛ] “O osso dele”

[kunɛ 'ni] “O cabelo dela”

(22) Consoante tepe alveolar sonora [r]

[ra 'mi] “Tipo de cipó”

[ruku 'pa] “A maior estrela”

[hirari 'dɛ] “Pequeno”

[putaha 'ru] “Grande”

[k^hubu 'ri] “Joelho”

[k^hara 'ni] “Velha”

(23) Consoante lateral alveolar sonora [l]

[tsimili 'ni] “Espuma”

[udzuhu 'li] “Meu peito”

(24) Consoante fricativa glotal surda [h]

[ma 'hi] “Sol”

[hakuva 'ru] “Capivara”

[putaha 'ri] “Ele é grande”

[hi 'dzi] “Abelha”

Sons consonantais foneticamente semelhantes

De acordo com Cagliari (2002), sons com maior semelhança fonética têm maior chance de serem variantes de

um único fonema dentro do inventário fonológico de uma língua. Devido a esse princípio, são listados aqui os sons consonantais foneticamente semelhantes encontrados em Deni com intuito de identificar fonemas distintos ou fones que são variantes de um mesmo fonema. Vale ressaltar que são indicados somente os pares com maior probabilidade de serem fonemas distintos.

(25) [p] e [b]

(26) [b] e [v]

(27) [t] e [d]

(28) [m] e [n]

(29) [s] e [z]

(30) [ts] e [dz]

(31) [t] e [ts]

(32) [t] e [t^h]

(33) [p] e [p^h]

(34) [d] e [dz]

(35) [k] e [k^h]

(36) [ts] e [s]

(37) [dz] e [z]

Contraste e variação entre os sons consonantais

Na análise fonológica, o procedimento clássico adotado pelos linguistas para a identificação de fonemas é colocar os sons foneticamente semelhantes em *contraste em ambiente idêntico*. Assim, se os sons distinguem palavras, são fonemas distintos e tem-se, portanto, dois fonemas; se não distinguem, podem ser variantes (alofones) e tem-se um único fonema. Seguem, agora, exemplos de sons que, por estarem em contraste, distinguem palavras e sons que variam sem distinguir palavras:

(38) /p/ e /b/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ma 'pu] “Tipo de formiga”

[ma 'bu] “Cobra Jararacuçu”

[tʃi 'pa] “Picada de mosquito”

[tʃi 'ba] “Pedra”

(39) /b/ e /v/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[a 'bi] “Pai”

[a 'vi] “Anta”

(40) /d/ e /t/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[mɛ 'tɛ] “Tronco”

[mɛ 'dɛ] “3ª Pes. Pl. Masc. Fem.”

(41) /d/ e /dz/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[dza 'ʔu] “Preguiça”

[da 'ʔu] “Filho”

(42) /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[dʒu 'mi] “Taboca”

[tʃu 'mi] “Verme”

(43) /t/ e /tʰs/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:
 [uka 'tsu] “Minha sogra”
 [uka 'tu] “Minha filha”

(44) /t/ e /tʰ/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:
 [ma 'tu] “Taioba”
 [ma 'tʰu] “O pescoço dele”

(45) /k/ e /kʰ/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:
 [dzu 'ka] “Tipo de planta”
 [dzu 'kʰa] “Urina”

/p/ e /pʰ/ são fonemas distintos. Embora não tenha sido encontrado, nos dados, o CAI para esses dois segmentos, pode-se postular que são fonemas distintos, pois na tentativa de encontrar pares mínimos envolvendo esses segmentos, obtive os seguintes dados:

(46) [da 'pu] “Jacu”
 *[da 'pʰu] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

(47) [tʰsi 'pa] “Ferida”
 *[tʰsi 'pʰa] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

(48) [bani 'pɛ] “Tamanduá”
 *[bani 'pʰɛ] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

A competência dos falantes faz reconhecê-los que as palavras acima pronunciadas com aspiração não existem, fato que prova que /pʰ/ é fonema. Outro argumento para considerar /pʰ/ como fonema é a pressão exercida pelo sistema da língua, que tem todas as outras oclusivas surdas aspiradas como fonemas.

[r] e [l] representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /r/ como representação do fonema pelo fato de que, além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças no processo de aquisição.

- (49) [tsimiri 'ni] ~ [tsimili 'ni] “Espuma”
 [udzuhu 'ri] ~ [udzuhu 'li] “Meu peito”

[s] e [ts] representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /ts/ como representação do fonema pelo fato de que além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças no processo de aquisição.

- (50) [si 'na] ~ [tsi 'na] “Rapé”
 [pa 'su] ~ [pa 'tsu] “Água”

[z] e [dz] também representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /dz/ como representação do fonema pelo fato de que, além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças no processo de aquisição.

- (51) [variku 'zɛ] ~ [varik 'dzɛ] “Tipo de tatu”
 [hiza 'ma] ~ [hidza 'ma] “Queixada”
 [zuki 'ra] ~ [dzuki 'ra] “Sal”

[ʔ] aparece no nível fonético em posição de *coda* silábica quando o *onset* da sílaba seguinte é uma oclusiva sonora, ou então em posição de *onset* em meio de palavra seguida por uma vogal. O segmento [ʔ] aparece apenas no nível fonético, não no nível fonológico, visto que sua ocorrência varia com sua ausência sem mudar o signo linguístico. Em situação de elicitación de dados (fala pausada, ritmo mais lento) esse som tem mais presença; em situação de fala normal, é mais difícil a percepção desse som.

- (52) [aʔ. 'ba] ~ [a. 'ba] “Peixe”
 [a.p^ha. 'ʔu] ~ [a.p^ha. 'u] “Pato”
 [dza. ʔu] ~ [dza. u] “Preguiça”
 [aʔ.da. 'mi] ~ [a.da. 'mi] “Barranco”

Quando para separar duas vogais idênticas, como é o caso de [itsi 'ʔi] “Tatu” e [pu 'ʔu] “Mandioca”, a oclusiva glotal sempre ocorre.

Apesar dos segmentos [h] e [ʔ] serem foneticamente semelhantes e o primeiro ser fonema e o segundo fone, não são variantes. Como já foi dito, o segmento [ʔ] varia com sua ausência e está presente apenas no nível fonético. Nos dados, não foram encontrados pares mínimos entre [h] e sua ausência. Dessa forma, o som [h] deve ser analisado sozinho.

Cagliari (2002, p.33) afirma que “os sons foneticamente muito *diferentes* têm alta probabilidade de ocorrerem como fonemas e, portanto, a não ser que haja forte suspeita de que possam ser variantes, eles são considerados *fonemas*, em princípio” (grifo do original). Pelo *corpus*, não há nenhuma suspeita de que [h] seja variante de um fonema; sendo assim, ele é um fonema na língua Deni. A seguir, o quadro com os fonemas da língua Deni.

Quadro 2 – Fonemas consonantais

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d	k	
Aspiradas	p ^h		t ^h	k ^h	
Fricativas		v			h
Nasais	m		n		
Tepe			r		
Africadas			ts dz		

Fones vocálicos

Em se tratando dos sons vocálicos, foram identificados no *corpus* seis fones vocálicos, tal como consta na tabela a seguir. Exemplos da ocorrência dos fones vocálicos são dados após a apresentação do Quadro 3.

Quadro 3 – Fones vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		
Média-baixa	ɛ		
Baixa	a	ɐ	

São apresentado, a seguir, exemplos de ocorrências dos fones vocálicos em palavras na língua Deni:

(53) Vogal anterior alta não arredondada [i]

[itu'ne] “Nosso osso”

[ma'hi] “Sol”

[biriha'ri] “Pequeno”

[hi'dzi] “Abelha”

(54) Vogal anterior médio-alta não arredondada [e]

[anube'dza] “Caititu”

[eme'ne] “Sangue (dele)”

(55) Vogal anterior médio-baixa não arredondada [ɛ]

[ɛhɛ've] “Criança”

[nuku'dɛ] “Seco”

[mɛdza 'rɪ] “Mentiroso”

[amunɛ 'hɛ] “Mulher”

(56) Vogal anterior baixa não arredondada [a]

[katara 'ʔa] “Galinha”

[abari 'dza] “Urubu”

[maku 'ku] “Borboleta”

[buta 'ni] “Arraia”

(57) Vogal central baixa não arredondada [ɐ]

[hadza 'nɐ] “Tatu Canastra”

[si 'nɐ] “Rapé”

[kɛni 'tsu] “Vara”

(58) Vogal posterior alta arredondada [u]

[uru 'va] “Espécie de macaco”

[dzuva 'tu] “Mulher jovem”

[hutsa 'dɛ] “Salgado”

[pa 'tsu] “Água”

Sons vocálicos foneticamente semelhantes

São listados, a seguir, os sons vocálicos foneticamente semelhantes com objetivo de identificar os sons que são fonemas e devem aparecer no inventário fonológico e quais são variantes e, portanto, aparecem apenas no nível fonético.

(59) [a] e [ɛ]

(60) [e] e [ɛ]

(61) [a] e [ɐ]

(62) [i] e [e]

Contraste e variação entre os sons vocálicos

Como se procedeu com os sons consonantais, os sons vocálicos foram colocados em Contraste em Ambiente Idêntico, buscando identificar os sons vocálicos que distinguem palavras, e, por isso, são fonemas, e quais não distinguem, e, portanto, são variantes (alofones) de um único fonema.

(63) /a/ e /ɛ/ são fonemas distintos, pois contrastam em ambiente idêntico:

[i 'ma] “Conversa”

[i 'mɛ] “Pó”

[e] e [ɛ] são variantes do fonema /ɛ/. O fone [e] ocorreu raras vezes; suas ocorrências foram em sílaba átona, nunca em sílaba tônica.

(64) [anube 'dza] ~ [anubɛ 'dza] “Caititu”

[eme 'nɛ] ~ [ɛmɛ 'nɛ] “Sangue (dele)”

[a] e [ɐ] são variantes do fonema /a/. O fone [ɐ] ocorreu tanto em posição tônica quanto átona; esse som sempre ocorreu precedido de uma nasal na mesma sílaba ou então seguido de uma consoante nasal na posição de *onset* da

sílabo seguinte. Os sons [a] e [ɐ] não estão em distribuição complementar pelo fato de que, muitas vezes, o [a] aparece precedido de uma consoante nasal na mesma sílaba ou então seguido por uma consoante nasal que ocupa a posição de *onset* na sílaba seguinte. Ou seja, no mesmo ambiente em que [ɐ] ocorre, também pode ocorrer o [a].

- (65) [hadza 'nɐ] ~ [hadza 'na] “Tatu canastra”
 [ivɛna 'dɛ] ~ [ivana 'dɛ] “Queixo”
 [keni 'tsu] ~ [kani 'tsu] “Vara”

Pelas análises mostradas acima, a língua Deni possui quatro fonemas vocálicos, tal como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 4 – Fonemas vocálicos

Vogais	Anteriores	Posteriores
Altas	i	u
Baixas	ɛ	a

3

A SÍLABA

Apesar de não ser nova nos estudos sobre fonologia, a noção de sílaba somente foi incorporada à fonologia gerativa recentemente (Collischonn, 1999). Para a linguista, foi só a partir da década de 1970, com os trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976), que a sílaba passou a ser aceita, ainda gradativamente, como unidade fonológica.

O percurso histórico das teorias fonológicas nos mostra que cada corrente teórica tratou de forma particular a sílaba. No gerativismo padrão, por exemplo, a sílaba não recebeu muita atenção. Em tal corrente teórica, apesar de haver referência à sílaba, não há um estudo aprofundado, visto que se restringe ao traço [+ silábico]. Foi só com o surgimento das teorias não lineares que a sílaba recebeu mais atenção e pode ser estudada de forma mais sistemática, sendo criada a planilha silábica. A partir de então, a sílaba passou a ser vista como um elemento da fonologia, já que ela está envolvida em algumas regras fonológicas.

A sílaba é “uma unidade abstrata da organização prosódica por meio da qual uma língua expressa muito da sua

fonologia”¹ (Kenstowicz, 1994, p.250). Para Kenstowicz (ibidem, p.250), há três justificativas para considerar a sílaba como unidade fonológica:

Primeiro, a sílaba é um domínio natural para a restrição de muitas restrições fonotáticas. Em segundo lugar, regras fonológicas são muitas vezes mais simples e perspicazes, e referem-se à sílaba. Finalmente, vários processos fonológicos são melhor interpretados como métodos para garantir que a sequência de segmentos seja analisável dentro das sílabas.²

Blevins (1995, p.207) considera as sílabas como “unidades estruturais que fornecem a organização melódica”.³ Isso porque, nas palavras, os segmentos se organizam em sequências e cada pico de sonoridade (vogal nuclear) define uma sílaba. Assim sendo, Blevins (ibidem, p.207) define a sílaba como uma “unidade fonológica que organiza melodias segmentais em termos de sonoridade; segmentos silábicos são equivalentes a picos de sonoridade com essas unidades organizacionais”.⁴

A sílaba como unidade fonológica

Com o surgimento das teorias não lineares, a sílaba passou a ser estudada sistematicamente, o que possibilitou

1 “[...] an abstract unit of prosodic organization through which a language expresses much of its phonology.”

2 “First, the syllable is a natural domain for the statement of many phonotactic constraints. Second, phonological rules are often more simply and insightfully expressed if they explicitly refer to the syllable. Finally, several phonological processes are best interpreted as methods to ensure that the string of phonological segments is parsable into syllables.”

3 “[...] structural units providing melodic organization.”

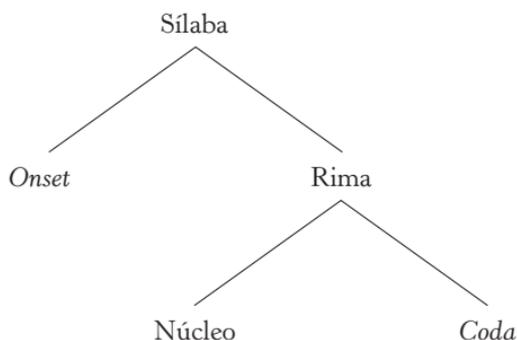
4 “[...] phonological unit which organizes segmental melodies in terms of sonority; syllabic segments are equivalent to sonority peaks within these organizational units.”

reconhecê-la como uma unidade fonológica. São frequentes, nas línguas ao redor do mundo, os processos que ocorrem no domínio da sílaba; esses processos são explicados quando se analisa a sílaba enquanto um domínio.

Blevins (1995) apresenta quatro argumentos para mostrar a importância da sílaba na análise fonológica. O primeiro argumento mostra a sílaba como domínio (“*syllable as domain*”), visto que há processos e/ou restrições que se aplicam no domínio da sílaba. O segundo refere-se à fronteira da sílaba como um lócus (“*syllable edge as locus*”), pois há regras fonológicas que se aplicam na fronteira silábica. O terceiro mostra as sílabas como uma estrutura alvo (“*syllables as target structures*”), já que a sílaba pode funcionar como alvo de jogos de linguagem. Por fim, o quarto argumento diz respeito às intuições nativas (“*native intuitions*”) que os falantes têm com respeito ao número de sílabas presentes nas palavras.

Dada a importância do estudo da sílaba para a descrição fonológica, vale dizer que a sílaba, nas teorias não lineares, é estruturada hierarquicamente. Seus constituintes internos são: *onset* (O), rima (R), núcleo (N) e *coda* (Co) (Goldsmith, 1990). Segue um esquema que representa a estruturação interna da sílaba na fonologia não linear.

(66)



Os estudos das línguas do mundo têm nos mostrado que as línguas possuem formas diferentes de organizar os segmentos dentro das sílabas. Zec (2007, p.162) diz que “a sílaba é um princípio de organização para agrupar segmentos dentro de sequências”.⁵ A distribuição dos segmentos dentro das sílabas é condicionada pelas regras fonotáticas de cada língua que permitem/restringem a ocorrência de segmentos em determinada posição na sílaba. Isso quer dizer que, em uma língua dada, um segmento pode ser apto a ocupar a posição de *onset* silábico e inapto a ocupar a posição de *coda*. Cada língua, portanto, tem sua forma particular de organizar grupos de segmentos que são unidades maiores que os fonemas e menores que as palavras.

A sílaba na língua Deni

Everett (1995, p.308) afirma que as “palavras em Deni nunca começam com uma vogal”. Isso porque o linguista considera a oclusiva glotal como fonema. Dessa forma, uma palavra como /aba ' pu/ “morto” teria como *onset* da primeira sílaba a oclusiva glotal, e seria, portanto, /ʔaba ' pu/. Para o autor, toda sílaba na língua Deni é obrigatoriamente composta por uma consoante na posição de *onset* e uma vogal na posição de núcleo.

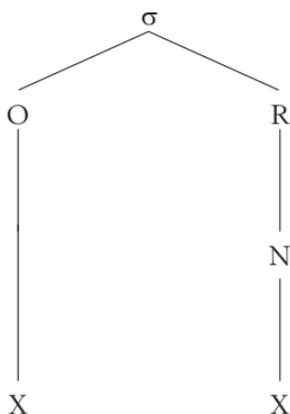
Diferentemente de Everett (1995), considero que o padrão silábico da língua Deni é (C)V. A posição da consoante pode ser vazia ou ocupada por qualquer um dos quinze fonemas consonantais, ao passo que a posição da vogal deve, obrigatoriamente, ser ocupada por um dos quatro fonemas vocálicos. Em uma sílaba da língua Deni,

5 “[...] the syllable is an organizing principle for grouping segments into sequences.”

portanto, é obrigatória apenas a presença de uma vogal no núcleo, sendo o *onset* uma posição opcional. Esse tipo de padrão silábico não permite consoante na posição de *coda*. Dixon (1999, p.295) afirma que, na família Arawá, “há um simples padrão silábico (C)V em todas as línguas”.⁶

Seguem duas representações possíveis de sílaba em Deni feitas na planilha silábica proposta pela teoria não linear:

(67) *Sílaba CV*



(68) *Sílaba V*



⁶ “There is a straightforward (C)V syllable pattern in all languages.”.

Os fonemas africados /tʂ/ e /dʒ/ e os aspirados /p^h/, /t^h/ e /k^h/ presentes na língua Deni ocupam, cada um, uma única posição na sílaba. Os fonemas africados, embora possuam características fonéticas de dois elementos (um oclusivo seguido de um fricativo), correspondem a uma única unidade abstrata. Em outras palavras: mesmo que os fonemas africados tenham características de dois elementos no nível superficial, no nível profundo representam apenas uma unidade. Tais fonemas são, portanto, consoantes simples, o que faz interpretar sílabas iniciadas por eles como *onsets* simples, e não *onsets* complexos.

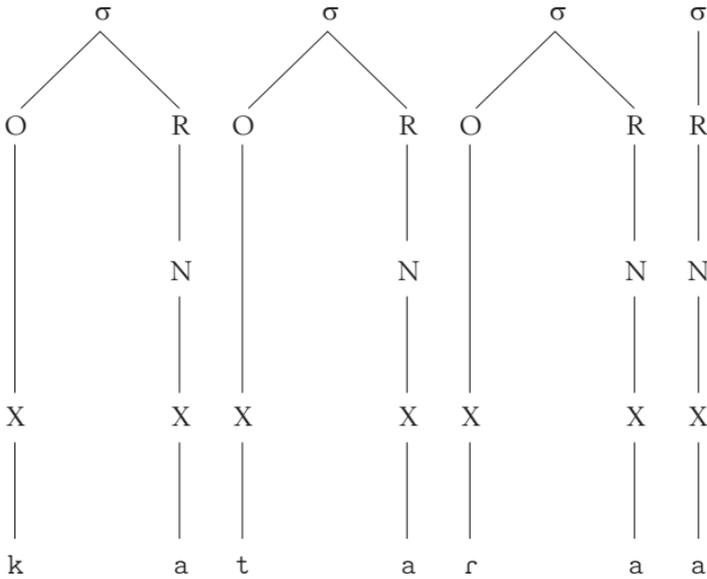
Veja, a seguir, alguns exemplos de divisão silábica na língua Deni:

(C)V

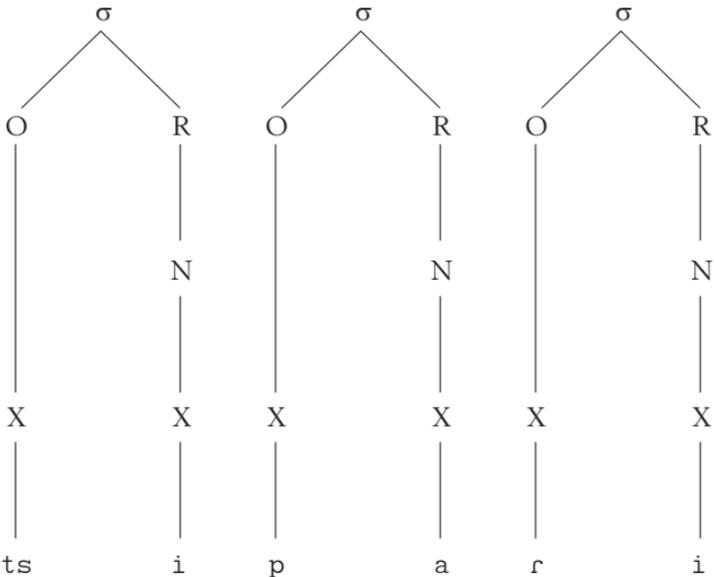
(69) /a. 'vi/	“Anta”	V.CV
(70) /tu. tsi. 'pa/	“Jacumim”	CV.CV.CV
(71) /u. vɛ. mɛ. 'nɛ/	“Meu sangue”	V.CV.CV.CV
(72) /a. bu. 'ni/	“Amigo”	V.CV.CV
(73) /ka. tsi. 'i/	“Pimenta”	CV.CV.V
(74) /pu. 'u/	“Mandioca”	CV.V
(75) /tsi. pa. 'ri/	“Banana”	CV.CV.CV
(76) /ɛ. hɛ. 'vɛ/	“Criança”	V.CV.CV
(77) /ha. nu. 'ka/	“Besouro”	CV.CV.CV
(78) /a. 'mu/	“Caranguejo”	V.CV

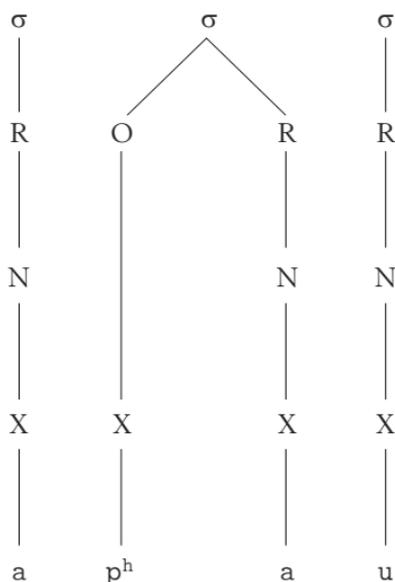
A seguir, são apresentados alguns exemplos de silabificação de palavras na língua Deni, seguindo a planilha silábica proposta pela fonologia não linear:

(79) /ka.ta.ra.'a/ “Galinha”

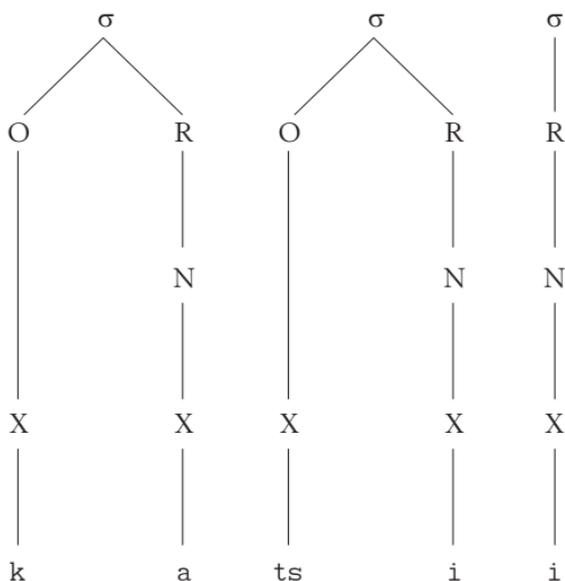


(80) /tsi.pa.'ri/ “Banana”



(81) /a.p^ha. 'u/ “Pato”

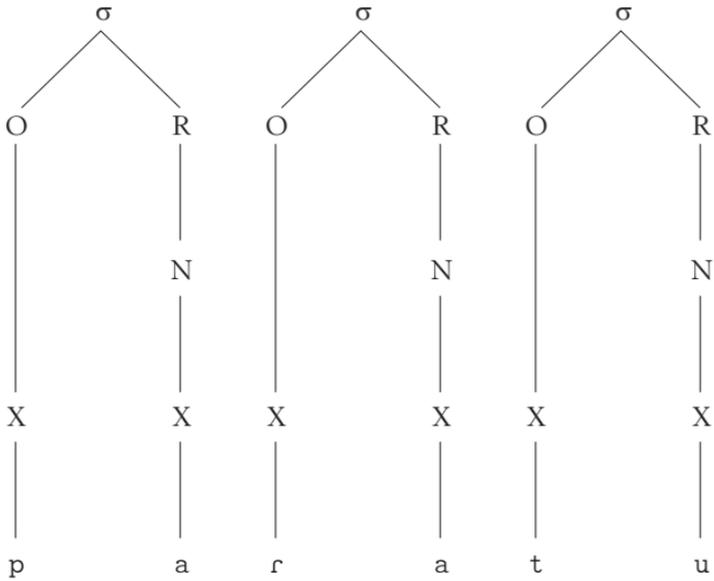
(82) /ka.tsi. 'i/ “Pimenta”



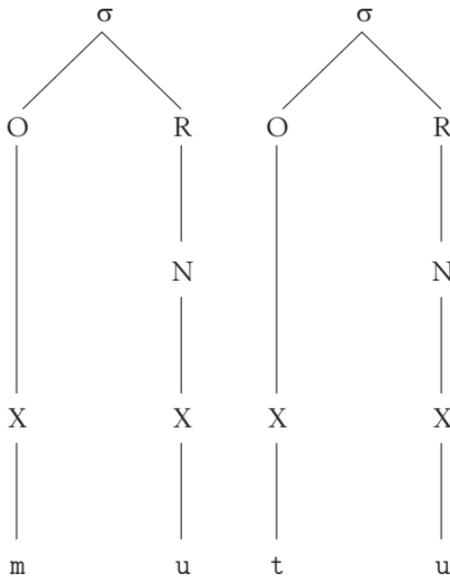
As palavras tomadas de empréstimo do português são adaptadas à fonologia da língua e também seguem as regras de estruturação silábica. Dessa forma, as palavras que

possuem *coda* e *onset* complexo são adaptadas ao padrão (C)V, tal como pode ser visto nos exemplos que seguem:

(83) /pa. ra. 'tu/ “Prato”

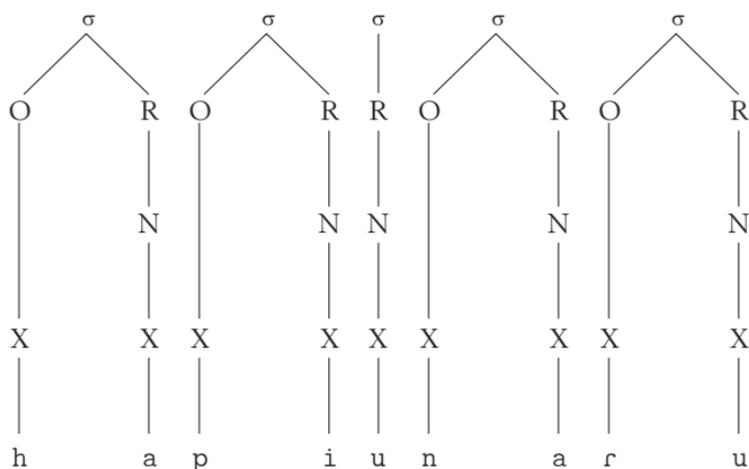


(84) /mu. 'tu/ “Motor”

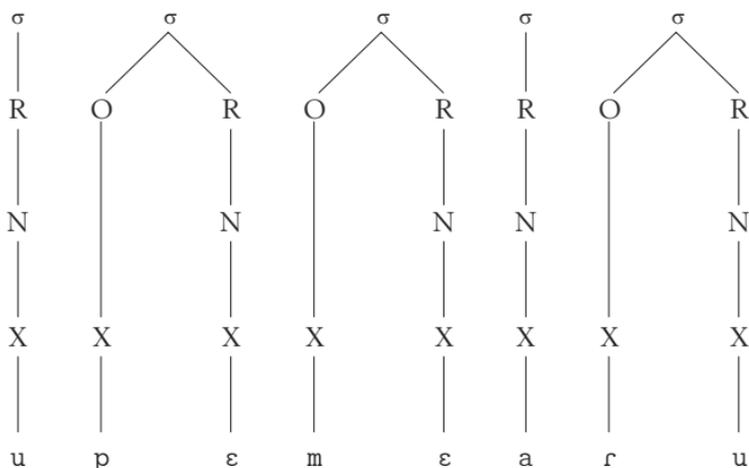


A língua Deni permite a ocorrência de sílabas CV e de sílabas V. Quando uma sílaba CV é seguida por uma sílaba V, tem-se a impressão de haver uma única sílaba no nível fonético (CVV); entretanto, o que ocorre são duas sílabas no nível fonológico (CV+V). Tal interpretação permite manter o padrão silábico (C)V. Seguem exemplos da silabificação de palavras que possuem uma sílaba CV seguida por uma sílaba V na língua Deni:

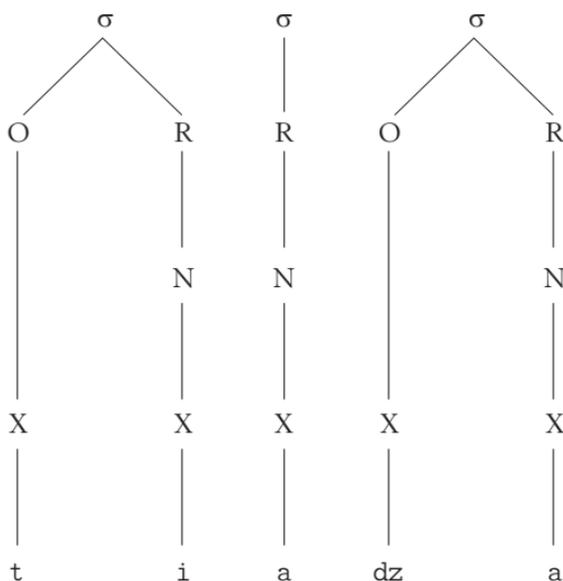
(85) /ha.pi.u.na.'ru/ “Eu tomei banho”



(86) /u.pε.mε.a.'ru/ “Eu estou com fome”



(87) /t.i.a.'dza/ “Para você”



Restrição fonotática

Cada língua possui um sistema fonotático que possibilita/restringe a ocorrência dos segmentos nas posições silábicas. O português brasileiro, por exemplo, permite *onsets* complexos (formado por duas consoantes) e *codas* complexas (formada por duas consoantes). Sendo assim, a estrutura máxima de uma sílaba em português é CCVCC, em que o único elemento obrigatório é a vogal (V), visto que as consoantes (C) são elementos opcionais (Collischonn, 1999).

O molde silábico CCVCC prevê a existência de *onsets* complexos e também de *codas* complexas. Tal molde silábico prevê a existência de sílabas como *slavt*, *tpirt* ou *nkupt* que não fazem parte do sistema fonotático do português. É necessário, portanto, que a língua crie restrições que possibilitam gerar somente sílabas existentes na

Essa restrição fonotática também é atestada por Tiss (2004) e Dienst (2007) para a língua Kulina, que forma um subgrupo na família Arawá juntamente com a língua Deni. Os autores representam esse fonema como /w/. Tiss (2004), citando o artigo “Madija noun morphology” (1990), de Marlett e Adams Liclan, apresenta uma análise interessante sobre a restrição fonotática de uma sílaba /wu/ na língua Kulina. Para os autores, o /w/ seria o resultado de uma mudança histórica da realização do /o/⁷ em *onset*. É por isso que a língua Kulina não permite uma sílaba /wu/. É provável que o mesmo tenha acontecido com a língua Deni, visto que pertencem ao mesmo subgrupo.

7 O fonema que Tiss (2004) e Dienst (2007) representam por /o/, eu represento por /u/.

4 O ACENTO

Hayes (1995, p.8) afirma que “o argumento central da teoria métrica do acento [...] é que o acento é a manifestação linguística da estrutura rítmica”.¹ Dessa perspectiva, o acento é capaz de marcar a proeminência no nível da palavra fonológica e, conseqüentemente, a proeminência das palavras dentro da sentença.

Na fonologia métrica – diferentemente do modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), em que o acento era uma propriedade da vogal –, o acento é visto como uma propriedade da sílaba, visto que “não é mais um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos” (Hernandorena, 1999, p.76).

Massini-Cagliari (1992, p.81), referindo-se à teoria métrica, afirma que

[...] o acento, como as demais manifestações supra-segmentais, localiza-se em um nível superior ao dos segmen-

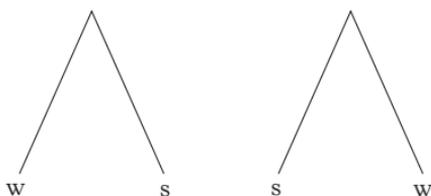
1 “The central argument of stress theory (...) is that the stress is a linguistic manifestation of rhythmic structure.”

tos. Sendo assim, o acento não pode ser localizado apenas no núcleo ou na rima (os estruturalistas e gerativistas localizavam-no só na vogal), tendo que ser atribuído, no nível da palavra, na sílaba.

Hogg e McCully (1987) consideram o acento como um fenômeno suprasegmental, ou seja, o acento está em um nível acima dos segmentos. Dessa forma, a cadeia sonora se estrutura da uma forma que admite uma hierarquia dos constituintes. Os segmentos, portanto, “são subordinados a um constituinte maior – a sílaba – que, por sua vez, também está subordinado a outros constituintes, de ordem rítmica” (Massini-Cagliari, 1992, p.80).

Tendo em vista que o princípio central da teoria métrica prega que o padrão acentual reflete as relações de proeminência entre os constituintes, Liberman e Prince (1977) sugerem que árvores métricas sejam construídas. Em tais árvores, “s” marca a sílaba mais forte (*stronger*) e “w” marca a sílaba mais fraca (*weaker*). O fato de que, nas árvores métricas, os constituintes expressam somente relações de “mais forte que” e “mais fraco que” mostra que as árvores devem ter sempre ramificações binárias. Para Hogg e McCully (1987), os nós devem representar apenas a relação [w s] ou [s w], nunca [s s] ou [w w], visto que estas não seriam significativas. Seguem os exemplos de formação dos nós binários para a representação das árvores métricas:

(89)



Propriedades tipológicas do acento

Ao tratar das propriedades tipológicas do acento, Hayes (1995) apresenta as seguintes: a) culminância; b) distribuição rítmica, c) hierarquia do acento; d) falta de assimilação.² Tais propriedades nos mostram que: há uma sílaba com maior grau de proeminência na palavra; que o acento tende a ter uma distribuição rítmica que mantém uma regularidade; que o acento é hierárquico, pois há línguas que possuem vários graus de acento (primário, secundário, terciário...); o acento não se assimila.

Hayes (ibidem, p.31-3) apresenta as seguintes tipologias de regras do acento: a) “acento livre *versus* fixo”,³ em que a localização do acento fixo é previsível e deve se dar por uma regra, ao passo que o acento livre não é previsível e deve ser listado lexicalmente; b) “acento rítmico *versus* morfológico”,⁴ em que em um sistema rítmico de acento, o acento é baseado unicamente em fatores fonológicos, ao passo que em um sistema morfológico o acento serve para elucidar a estrutura de uma palavra; c) “acento limitado e ilimitado”,⁵ em que um sistema limitado ocorre em uma distância de outro acento, ao passo que em um sistema ilimitado o acento pode ocorrer sem limite de distância de outro acento.

Além do modelo de árvores, a fonologia métrica propõe também um sistema de grade que possibilita segmentar as sílabas e representar com um (x) as sílabas proeminentes e um (.) as sílabas que não são proeminentes. Nesse modelo, os elementos são colocados em pares dentro de parênteses e “cada constituinte tem um *cabeça* obrigatório, representado

2 a) “*culminativity*”; b) “*rhythmic distribution*”, c) “*stress hierarchies*”; d) “*lack of assimilation*”, respectivamente.

3 “*Free versus fixe stress*”.

4 “*Rhythmic versus morphological stress*”.

5 “*Bounded versus unbounded stress*”.

por um elemento da grade no nível acima, mais um não cabeça opcional, que não tem uma marca correspondente no nível acima”⁶ (Kager, 2007, p.200).

Por lidar com níveis acima da palavra, a teoria métrica prega que uma árvore métrica seja construída, visto que tal árvore é o reflexo da estrutura sintática. O estudo do acento dentro da estrutura sintática se faz importante para o entendimento de alguns processos; porém, devido às limitações deste trabalho, a atenção aqui recai sobre o acento em palavras simples e em palavras compostas na língua Deni. Estudos posteriores poderão tratar do acento dentro da estrutura sintática.⁷

Na língua Deni, a localização do acento é previsível. Ele cai sempre sobre a última sílaba da palavra, ou seja, a sílaba mais à direita. Sendo assim, padrão acentual é iâmbico não iterativo: iâmbico pelo fato da cabeça vir à direita (o que já mostra não se tratar de troqueu), e não iterativo porque cada palavra forma um único pé, ou seja. Isso significa que, nos limites da palavra, não ocorre padrão alternante.

O acento em palavras simples

Seguindo a tipologia de regras do acento proposta por Hayes (1995), pode-se dizer que o acento em Deni é

6 “Each constituent has an obligatory head, represented by a grid element at the next-higher level, plus an optional non-head, which has no corresponding mark at the next-higher level.”

7 O *corpus* coletado para a realização desta pesquisa, em sua maioria, é composto por itens lexicais isolados; entretanto, não exclusivamente. Foram coletadas também várias sentenças. As interrogativas chamaram a atenção quanto ao acento; nelas parece que o acento cai sobre a penúltima sílaba da última palavra da sentença interrogativa. Por exemplo [t i m i ' t a n i] “Você ouviu?”. Estudos posteriores poderão tratar do acento na sentença.

previsível, visto que sua localização é fixa. Em palavras simples, forma-se um pé ilimitado com proeminência final. Seguem alguns exemplos:

- (90) [hɛtsi 'ka] “Boto”
 (91) [dɛ 'ru] “Barata”
 (92) [u 'dza] “Casa”
 (93) [amunɛ 'hɛ] “Mulher”
 (94) [kava 'dzu] “Mamão”
 (95) [hakuva 'ru] “Capivara”
 (96) [a 'mu] “Caranguejo”

Há alguns substantivos possuídos em Deni que marcam a forma de posse de terceira pessoa do feminino com o sufixo | -ni | e a forma de posse de terceira pessoa do masculino com o morfema | -ø |. Nesses substantivos, ao se acrescentar uma sílaba, o acento mantém a regra e passa para a última sílaba à direita, tal como pode ser visto a seguir:

- (97) [ta 'ti] “A cabeça dele”
 [tati 'ni] “A cabeça dela”
 (98) [a 'ti] “O fígado dele”
 [ati 'ni] “O fígado dela”
 (99) [k^hubu 'ri] “O joelho dele”
 [k^huburi 'ni] “O joelho dela”
 (100) [amu 'ri] “O pé dele”
 [amuri 'ni] “O pé dela”

(101) [nu 'k^hu] “O olho dele”
 [nuk^hu 'ni] “O olho dela”

(102) [i 'tsu] “A perna dele”
 [itsu 'ni] “A perna dela”

As palavras tomadas de empréstimo do português são adaptadas à fonologia da língua Deni. O acento, portanto, também é adaptado ao padrão da língua Deni e cai sobre a última sílaba à direita:

(103) [para 'tu] “Prato”

(104) [pane 'ra] “Panela”

(105) [tsako 'ra] “Sacola”

(106) [pe 'tsi] “Pente”

(107) [lapari 'na] “Lamparina”

(108) [vatsu 'ra] “Vassoura”

(109) [ka 'hu] “Carro”

A seguir, são apresentados alguns exemplos da aplicação da grade parentetizada adotada por Hayes (1995) para ilustrar o padrão acentual iâmbico não iterativo na língua Deni. Para cada palavra é formado um único pé com a cabeça à direita:

(107) Nível de ProPal (x)
 Nível do pé (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ σ
 ha.ku.va.ru “Capivara”

- (108) Nível de ProPal (x)
 Nível do pé (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ
 nu.k^hu.ni “O olho dela”
- (109) Nível de ProPal (x)
 Nível do pé (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ σ σ
 ha.pi.u.tu.vi “Eu tomarei banho”
- (110) Nível de ProPal (x)
 Nível do pé (. x)
 Nível da sílaba σ σ
 neme “Céu”
- (111) Nível de ProPal (x)
 Nível do pé (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ
 u.ta.vi “Cará”

O acento em palavras compostas

Uma palavra composta resulta da junção de duas palavras simples que formam uma única unidade significativa. Nas palavras compostas, o acento primário cai sobre a última sílaba à direita da segunda palavra, ao passo que o acento secundário cai sobre a última sílaba à direita da primeira palavra. Há uma diferença no grau de intensidade do acento da primeira palavra, visto que, em relação ao acento da segunda palavra, sua proeminência é reduzida:

- (112) [dzupu'ri] # [ete'ru] → [dzupu₁ri ete'ru]
 ↓ ↓ “Preservativo masc.”
 O pênis dele A casca dele

(118) Nível de ProComp	(x)	
Nível de ProPal	(x)	(x)
Nível do pé	(.	x)	(.	x)
Nível da sílaba	σ	σ	σ	σ
	nu.k ^h u	bi.hi	“Porta”	

(119) Nível de ProComp	(x)		
Nível de ProPal	(x)	(x)	
Nível do pé	(.	x)	(.	x)	
Nível da sílaba	σ	σ	σ	σ	σ
	dzu.tu	pe.mi.de	“Homem homossexual”		

5

PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS

Payne (2006, p.63) considera que um processo morfofonológico ocorre “quando um morfema muda sua forma em resposta aos sons que o rodeiam em um contexto particular”.¹ Nas línguas do mundo, é frequente que os morfemas apresentem formas fonológicas diferentes, dependendo do ambiente em que ocorrem (Haspelmath, 2002; Aronoff; Fudeman, 2005; Payne, 2006; Hayes, 2009). As diferentes formas fonológicas de um morfema existem graças às regras de alternâncias de sons.

Diz Haspelmath (2002, p.181) que as alternâncias de sons são de dois tipos: “alternâncias automáticas” e “alternâncias morfofonológicas”.² Para o linguista, as alternâncias automáticas pertencem somente à fonologia, ao passo que as alternâncias morfofonológicas têm propriedades tanto fonológicas quanto morfológicas.

1 “When a morpheme changes its shape in response to the sounds that surround it in a particular context...”

2 “automatic alternations”; “morphophonological alternations”.

Geometria de traços: considerações teóricas

Os processos morfofonológicos da língua Deni são analisados à luz da Fonologia de Geometria de Traços, uma teoria fonológica não linear. A Fonologia de Geometria de Traços, assim como as fonologias não lineares, apresenta “uma ligação muito forte entre a visão fonológica e a fonética diante da fala, a ponto de se ter dúvidas se a distinção entre fonética e fonologia persiste nessa nova situação” (Cagliari, 1997, p.13). Com respeito à forte ligação existente entre fonética e fonologia na Geometria de Traços, Clements e Hume (1995, p.245) apontam para o fato de que

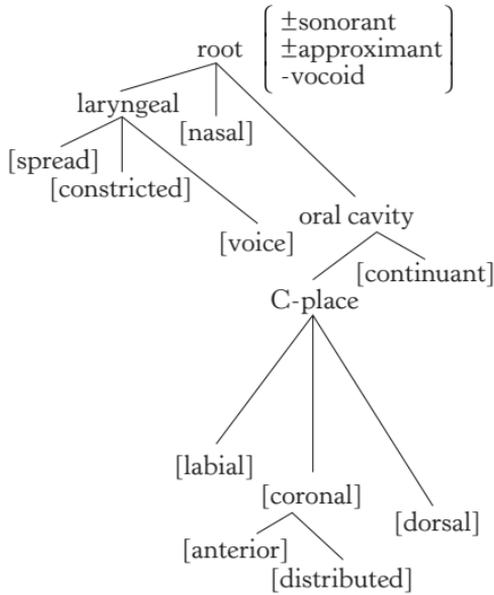
Enquanto os traços são normalmente interpretados como entidades psicológicas, eles são definidos em termos de padrões específicos da realização acústica e articulatória a qual fornece ligação crucial entre a representação cognitiva da fala e sua manifestação física.³

Os modelos anteriores à Fonologia de Geometria de Traços representavam o fonema como uma coluna de traços. A Geometria de traços hierarquiza os traços e, assim, “cada fonema fica autosegmentado, colocando suas propriedades distintivas em fileiras de acordo com a necessidade de aplicação de processos fonológicos independentes para cada fileira” (Cagliari, 1997, p.17).

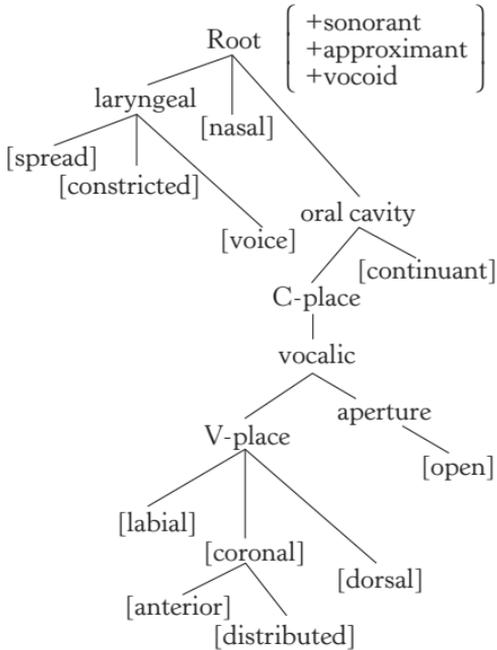
Apresenta-se, a seguir, o modelo de geometria totalmente especificado com objetivo de ilustrar a organização dos traços dos segmentos consonantais e vocálicos (Clements; Hume, 1995):

3 “While features are normally construed as psychological entities, they are defined in terms of specific patterns of acoustic and articulatory realization which provide the crucial link between the cognitive representation of speech and its physical manifestation.”

(120) Segmento consonantal:



(121) Segmento vocálico



Feitas essas considerações teóricas sobre a Fonologia de Geometria de Traços, cabe, agora, apresentar a análise dos processos morfofonológicos da língua Deni realizadas por Moran e Moran (1977).

Análise de Moran e Moran (1977) sobre os processos morfofonológicos da língua Deni

Os missionários Paul Moran e Dorothy Moran (1977) identificaram quatro processos morfofonológicos, os quais chamaram de “regras morfofonêmicas”: “elisão”; “inserção”; “redução”; e “perturbação”. Desses quatro processos, minhas análises levaram a apenas dois: “inserção”, que chamo aqui de epêntese; e “redução”, que chamo de síncope. Além dos processos morfofonológicos de epêntese e síncope, os dados permitem identificar também o processo de assimilação, somando, portanto, três processos morfofonológicos.

Moran e Moran (1977, p.29) dizem que na regra de elisão, “se um morfema termina na vogal -a, iniciando-se o morfema seguinte com uma vogal idêntica, uma delas se suprime”. Os autores apresentam os seguintes dados para comprovarem tal análise:

(122) ξ -vada-ari
 ele dormir ppi
 (vadari)
 “Ele está dormindo.”⁴

(123) u-puva-ade
 eu beber pr
 (upuvade)
 “Já bebi.”⁵

4 A numeração original do exemplo do autor é (174).

5 A numeração original do exemplo do autor é (175).

- (124) huppa-tu-na-arū
 correr ela mc ppi
 (huppatunaru)
 “Ela sai correndo.”⁶

A análise adotada aqui considera tais radicais como {vad-} “dormir” e {puv-} “beber”, visto que são encontradas formas como /uvaditu'vi/ “eu dormirei”, /vada'ru/ “ela está dormindo”, /upuvitu'vi/ “eu beberei” e /puva'ru/ “ele está bebendo”, que, dessa perspectiva, são divididas morfológicamente da seguinte maneira:

- (125) u – vad – ituvi
 {1ª Pes. Sing – Dormir – Tempo/Modo}
 /uvaditu'vi/
 “Eu dormirei”
- (126) vad – aru
 {Dormir – Passado/Presente + 3ª Pes. Sing. Fem.}
 /vadaru/
 “Ela está dormindo”
- (127) u – puV – ituvi
 {1ª Pes. Sing. – Beber – Tempo/Modo}
 /upuvituvi/
 “Eu beberei”
- (128) puV – aru
 {Beber – Passado/Presente + 3ª Pes. Sing. Fem.}
 /puvaru/
 “Ela está bebendo”

⁶ A numeração original do exemplo do autor é (176).

Dessa perspectiva, não há processo morfofonológico de “elisão”, visto que o radical não apresenta a vogal /a/.

Em se tratando do processo de perturbação, Moran e Moran (1977, p.30) dizem que alguns sufixos “produzem alteração da vogal –a do sufixo anterior em –i–, mas sem aparente regra fonológica. Antes parece haver sufixos ‘perturbadores’ e ‘não perturbadores’”. Seguem alguns exemplos extraídos de Moran e Moran (1977):

(129) u-puva-tuvi

eu beber fut

(upuvituvi)

“Beberei.”⁷

(130) ti-vada-ra-ba

você dormir neg imp

(tivadiraba)

“Não durma!”⁸

Como pode ser visto, a análise do processo de perturbação segue a mesma interpretação dos radicais que a adotada no processo de elisão. Portanto, as análises apresentadas aqui não apontam para a existência dos processos morfofonológicos de elisão e perturbação tal como a análise de Moran e Moran (1977).

Assimilação

Na língua Deni, há substantivos possuídos e não possuídos (livres). Os substantivos possuídos são aqueles que obrigatoriamente apresentam um morfema preso à raiz

7 A numeração original do exemplo do autor é (181).

8 A numeração original do exemplo do autor é (186).

indicando que tal substantivo é possuído por alguém; os substantivos não possuídos (ou livres) não apresentam afixos presos à raiz.

Nos substantivos possuídos, a posse é marcada pelos prefixos |u-| para a primeira pessoa do singular, |t i-| para a segunda pessoa do singular e |ø-| terceira pessoa do singular masculino e feminino.

Dixon (1999) afirma que o proto-Arawá marcava o gênero nos substantivos possuídos com os sufixos |-nɛ| para masculino e |-nɪ| para feminino. As línguas Arawá mantiveram o morfema |-nɪ| e têm perdido o morfema |-nɛ|. Nas línguas Deni, Kulina e Madi, segundo o autor, o morfema |-nɛ| provoca uma assimilação das vogais /a/ presentes no radical dos substantivos possuídos.

Na língua Deni, |-nɪ| marca o gênero feminino; já |-nɛ| aparece, excepcionalmente, na palavra [ɛmɛ 'nɛ] “o sangue dele” para marcar o gênero masculino. Seguem os substantivos possuídos nas formas de terceira pessoa do singular feminino e masculino que sofreram o processo de assimilação:

(131) [dzapa 'nɪ] “A mão dela”
[dzɛ 'pɛ] “A mão dele”

(132) [at^ha 'nɪ] “A testa dela”
[ɛ 't^hɛ] “A testa dele”

(133) [dzaha 'nɪ] “A barriga dela”
[dzɛ 'hɛ] “A barriga dele”

(134) [ap^ha 'nɪ] “A pena dela”
[ɛ 'p^hɛ] “A pena dele”

Há uma aparente irregularidade no nível superficial de tais substantivos possuídos quando comparados os

gêneros masculino e feminino, visto que apresentam vogais diferentes no radical. Essa aparente irregularidade na forma superficial reflete uma regularidade em um nível mais profundo. É essa regularidade em um nível mais profundo que se pretende mostrar aqui.

A explicação para esse processo baseia-se na hipótese de que tais substantivos passaram por algumas mudanças ao longo do tempo. É provável que a língua Deni tenha marcado o gênero masculino com $|-n\epsilon|$.⁹ Seguindo essa linha, em um dado momento a língua Deni marcou o gênero masculino nos substantivos possuídos com $|-n\epsilon|$ e o gênero feminino com $|-ni|$. Nesse momento, a distinção deve ter sido feita da seguinte maneira:

- (135) [dzapa 'ni] “A mão dela”
[dzapa 'nε] “A mão dele”

- (136) [at^ha 'ni] “A testa dela”
[at^ha 'nε] “A testa dele”

- (137) [dzaha 'ni] “A barriga dela”
[dzaha 'nε] “A barriga dele”

- (138) [ap^ha 'ni] “A pena dela”
[ap^ha 'nε] “A pena dele”

Dixon (1999) afirma que a vogal /ε/ está sendo perdida nas línguas Paumari e Sorowahá; em seu lugar está sendo colocada a vogal /i/ na terceira sílaba de uma raiz e a vogal /a/ nos demais ambientes. Porém, para Dixon (1999, p.296), “nas três línguas em que o *e* é mantido, ele

9 Essa hipótese ganha força com a forma excepcional [εme 'nε] “o sangue dele”, que, de acordo com tal perspectiva, foi a única forma encontrada no *corpus* que manteve $|-n\epsilon|$.

desempenha um papel abrangente na assimilação de um *a* precedente, por exemplo **ama-ne* ‘sangue-MASC’ tem se tornado *eme-ne* em Dení, Kulina e Madi”.¹⁰

Sendo assim, levanto a hipótese de que as formas subjacentes dos substantivos em questão são [dzapa 'nɛ], [at^ha 'nɛ], [dzaha 'nɛ] e [ap^ha 'nɛ]. Aplica-se, então, a regra da assimilação das vogais /a/ presentes em radicais de substantivos possuídos que precedem a vogal /ɛ/ presente no |-nɛ| e tem-se, respectivamente, as formas [dzɛpɛ 'nɛ], [ɛt^hɛ 'nɛ], [dzɛhɛ 'nɛ] e [ɛp^hɛ 'nɛ]. Note que essas representações subjacentes ainda são diferentes das representações superficiais. Segue um esquema que ilustra tal processo:

(139)

(140)

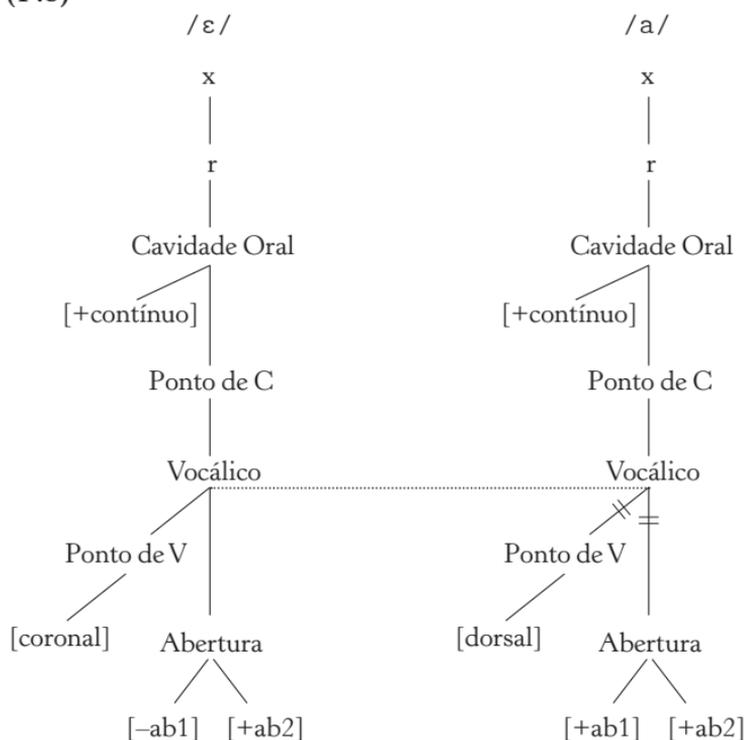
(141)

(142)

10 “In the three languages in which *e* is retained, it plays pervasive role in engendering assimilation of preceding *a*, e.g. **ama-ne* ‘blood-MASC’ has become *eme-ne* in Dení, Kulina and Madi.” [ɛmɛ 'nɛ] “o sangue dele” não é um bom exemplo, pois, como foi dito na nota anterior, é uma forma excepcional, já que é a única que apresenta a forma não possuída [a 'ma] “sangue”.

Seguindo a proposta de Clementes e Hume (1995) para a representação dos segmentos pela Geometria de Traços, é representado, a seguir, o processo de assimilação dos traços [coronal], [-ab1] e [+ab2] sofrido pelas vogais /a/ que precedem a vogal /ε/ em alguns substantivos possuídos na língua Deni:

(143)



Desse processo de assimilação do /ε/ sobre as vogais /a/ resultaram as seguintes formas: [dzεpε 'nε], [εt^hε 'nε], [dzεhε 'nε] e [εp^hε 'nε].

Nas línguas Arawá, alguns substantivos possuídos, mas não todos, têm perdido o morfe marcador de gênero masculino | -nε | nos substantivos possuídos (Dixon, 1999).

(144) [εt^hε 'nε] → [ε 't^hε]

(145) [dzεpε 'nε] → [dzε 'pε]

(146) [dzεhε 'nε] → [dzε 'hε]

(147) [εp^hε 'nε] → [ε 'p^hε]

Nessas palavras, assim como em todos os demais substantivos possuídos, o *morfe* indicador de gênero masculino é | -∅ |; já o *morfe* | -ni | aparece em todos os substantivos possuídos femininos. Seguem alguns exemplos disso:

(148) /amu 'ri/ “O pé dele”
/amuri 'ni/ “O pé dela”

(149) /a 'ti/ “O fígado dele”
/ati 'ni/ “O fígado dela”

(150) /vari 'bu/ “A orelha dele”
/varibu 'ni/ “A orelha dela”

(151) /i 'tsu/ “A perna dele”
/itsu 'ni/ “A perna dela”

(152) /εβε 'nu/ “A língua dele”
/εβenu 'ni/ “A língua dela”

A hipótese aqui levantada para a explicação do processo morfofonológico de assimilação leva em consideração três momentos que envolvem mudanças na língua: 1) a língua Deni marcou, nos substantivos possuídos, o gênero masculino com | -nε | e o gênero feminino com | -ni |; 2) a vogal /ε/ do | -nε | desempenhou o papel de assimilação das vogais /a/ presentes nos radicais dos substantivos possuídos; e 3) a perda do | -nε | que fez que tal morfema fosse representado pelo | -∅ |.

O processo de assimilação apenas ocorreu em radicais constituídos por sílabas com a vogal /a/; para as demais vogais, o processo foi bloqueado. Mesmo assim, o *morfe* marcador gênero masculino caiu em todos os casos, salvo a única exceção já referida.

Epêntese

Em Deni, os substantivos possuídos marcam a posse pelos prefixos |u-| para a primeira pessoa do singular, |t i -| para a segunda pessoa do singular e |ø-| terceira pessoa do singular masculino e feminino. O processo morfofonológico de epêntese em Deni consiste na inserção da consoante /v/ entre um prefixo que marca posse e um substantivo possuído iniciado por vogal. Além de ocorrer com substantivos possuídos nas formas de primeira e segunda pessoa, a epêntese também ocorre com verbos começados por vogal e que recebem a marcação de pessoa antes do radical.¹¹ Seguem alguns exemplos que ilustram o processo de epêntese em Deni:

(153) U – INU

(1ª pes. sing. posse) (dente)

[uvi 'nu]

“Meu dente”

(154) TI – INU

(2ª pes. sing. posse) (dente)

[t i v i 'nu]

“Teu dente”

(155) U – AHARI

(1ª pes. sing. posse) (boca)

[uvaha 'ri]

“Minha boca”

11 Em Deni, a marcação de pessoa nos verbos pode ser de duas formas: ou a marcação vem antes do radical, como em u-vad-ituvi “Eu dormirei” (1ª Pes. Sing. – Radical – Tempo/Modo), ou depois do radical, como em hapi-u-tuvi “Eu tomarei banho” (Radical – 1ª Pes. Sing. – Tempo/Modo).

(156) TI – AHARI

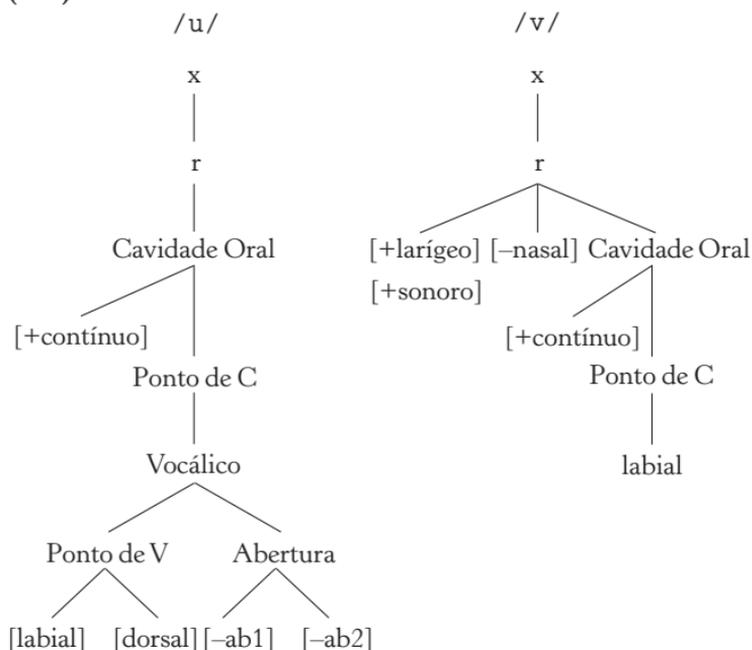
(2ª pes. sing. posse) (boca)

[tɪvaha 'rɪ]

“Tua boca”

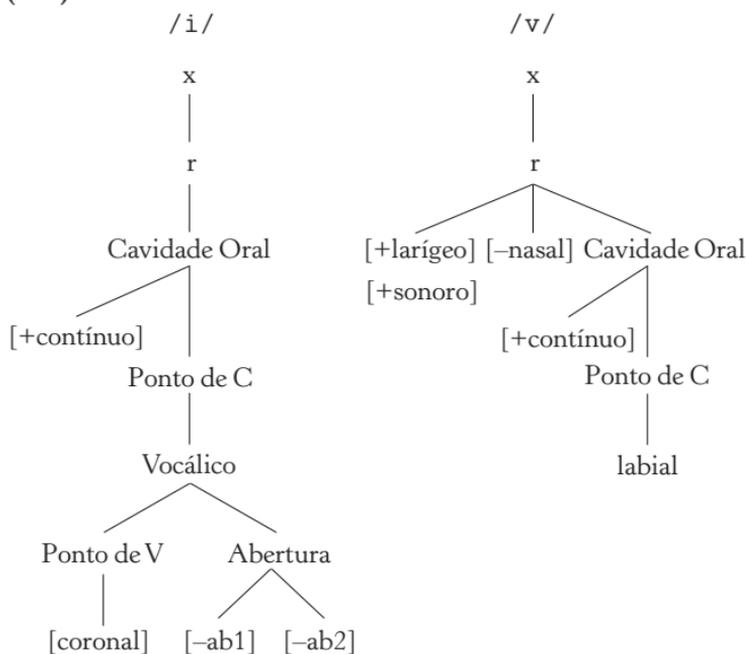
O processo de epêntese da consoante /v/ em substantivos possuídos pode ser explicado para a forma de primeira pessoa do singular possessivo, visto que tal morfema é representado por |u-| e, portanto, ambos os segmentos possuem o traço labial. Dessa forma, seria possível dizer que a epêntese é o traço labial. Segue a representação desses segmentos na Geometria de Traços:

(157)



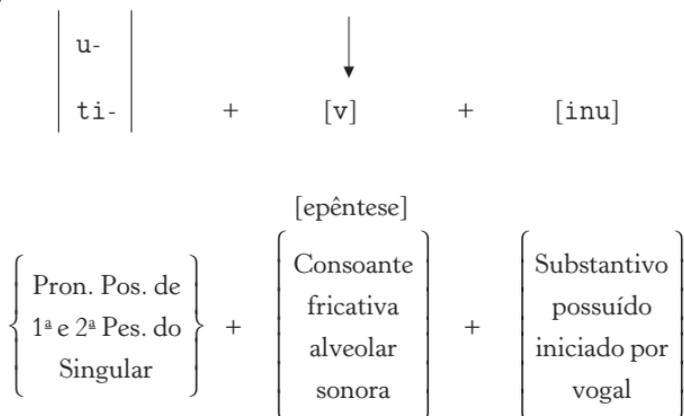
A forma de segunda pessoa do singular possessivo nos faz refutar a hipótese de que a epêntese seja o traço labial, pois tal morfema é representado por |tɪ-|, e o fonema /i/ não apresenta o traço labial, tal como pode ser visto na representação dos segmentos /i/ e /v/ apresentada a seguir:

(158)



A consoante epentética /v/ provavelmente apareceu primeiro para a primeira pessoa do singular possessivo por assimilação do traço labial e acabou sendo incorporada também para a segunda pessoa do singular possessivo. A regra para a ocorrência da consoante epentética na língua Deni é formulada a seguir:

(159)



A epêntese da consoante /v/, como já foi dito, ocorre também com verbos cujo radical se inicia com vogal e a pessoa é marcada por prefixo. O único exemplo de ocorrência da epêntese com verbo encontrado nos dados até o momento foi *atikaru* “ela quer”. Segue tal exemplo:

- (160) U – ATIK – ARU
 (1ª Pes. Sing) (querer) (presente/passado)
 [uvatika 'ru]
 “Eu quero”

- (161) TI – ATIK – ARU
 (2ª Pes. Sing) (querer) (presente/passado)
 [tivatika 'ru]
 “Você quer”

Haplologia

Em Deni, a haplologia envolve o morfema marcador de 2ª Pessoa do Singular |-ti-| e o morfema marcador de classe |-na-|. ¹² Nesse processo, ocorre a supressão de uma sílaba. O que na forma de base são duas sílabas |-ti- + -na-|, no nível superficial é apenas uma |-ta-|. Veja os exemplos a seguir:

- (162) HAPI – TI – NA – RU
 {banhar – 2ª pes. sing. – marcador de classe – presente /passado}
 [hapita 'ru]
 “Você está tomando banho”

12 Por ter um conhecimento ainda bastante superficial da morfologia da língua Deni, chamo, assim como Moran e Moran (1977), o morfema |-na-| de marcador de classe, no sentido de que marca os verbos em que a marcação de pessoa vem depois da raiz.

- (163) KIDZA – TI – NA – RU
 {adoentar-se – 2ª pes. sing. – marcador de classe – presente/passado}
 [kidzata'ru]
 “Você está doente”

- (164) HUPA – TI – NA – RU
 {correr – 2ª pes. sing. – marcador de classe – presente/passado}
 [hupata'ru]
 “Você corre”

Na língua Deni, os verbos carregam, obrigatoriamente, a marcação de pessoa. Os verbos em Deni podem ser divididos em duas classes: os que apresentam marcação de pessoa antes da raiz e os que apresentam marcação de pessoa depois da raiz.¹³ Os verbos em que a marcação de pessoa vem antes do radical não apresentam o marcador de classe | -na- |, tal como pode ser visto nos exemplos a seguir:

- (165) U – PUV – ARU
 {1ª pes. sing. – beber – presente/passado}
 [upuva'ru]
 “Eu bebi”

- (166) TI – VAD – ARU
 {2ª pes. sing. – dormir – presente/passado}
 [tivada'ru]
 “Você dormi”

13 Não observamos uma sistematização dos verbos em que a marcação de pessoa vem antes da raiz e dos que a marcação de pessoa vem depois da raiz.

- (167) \emptyset – KADAPI – ARI
 {3ª pes. – comer – presente/passado/masculino}
 [kadapia'ri]
 “Ele comeu”

Os verbos que apresentam marcação de pessoa depois do radical possuem, obrigatoriamente, o marcador de classe | -na-|. Seguem alguns exemplos:

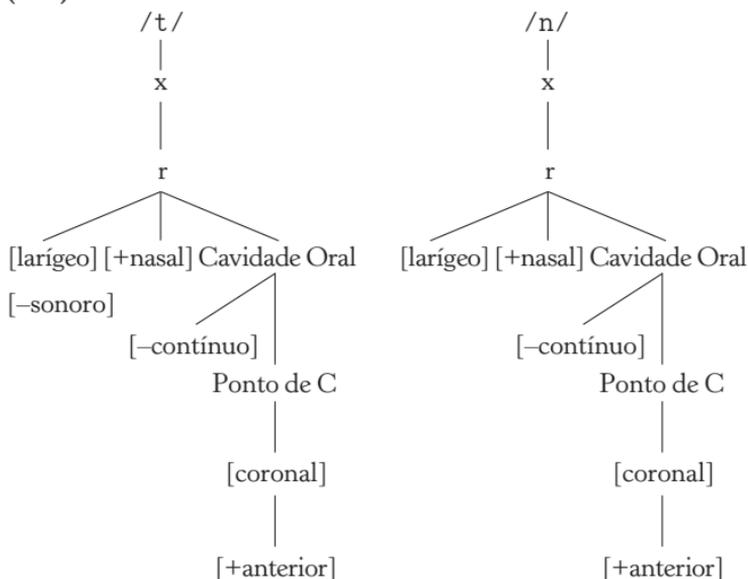
- (168) IMA – I – NA – RU
 {Falar – 1ª pes. pl. – marc. de classe – presente/passado}
 [imaina'ru]
 “Nós falamos”

- (169) DZEDI – \emptyset – NA – RI
 {Caçar – 3ª pes. – marc. de classe – presente/passado/ masculino}
 [dzɛdina'ri]
 “Ele caçou”

- (170) HUPA – U – NA – RU
 {Correr – 1ª pes. sing. – marc. de Classe – presente/passado}
 [hupauna'ru]
 “Eu corri”

A haplogogia ocorre somente em verbos cuja marcação de pessoa vem depois da raiz e exclusivamente depois do morfema de segunda pessoa do singular | -ti-|. Nesse contexto, onde teríamos duas sílabas iniciadas pelas consoantes coronais /t/ e /n/ (|-ti- + -na-|) tem-se uma única sílaba |-ta-|, que representa tanto a segunda pessoa do singular, quanto o marcador de classe. A motivação para a haplogogia, na língua Deni, é o traço [coronal] no *onset*. Segue a representação de tal processo:

(171)



A regra de ocorrência do processo morfofonológico de haploglia pode ser vista em (172).

(172) | -ti- + -na- | → | -ta- |
 {2ª pes. sing. + marcador de classe}

A regra apresentada em (172) lê-se: nos verbos em que a marcação de pessoa vem depois da raiz e, portanto, apresentam obrigatoriamente o marcador de classe | -na- |, ocorre o processo de haploglia com a segunda pessoa do singular | -ti- |. Assim, o que na forma de base é um | -ti- + -na- |, no nível superficial é | -ta- |.

CONCLUSÕES

As línguas naturais possuem sistemas fonológicos complexos. Ciente disso, este livro apresentou uma visão do sistema fonológico da língua Deni, que contempla o inventário de fonemas consonantais e vocálicos. Tal análise foi feita ancorada nas técnicas de identificação de fonemas propostas por Pike (1971 [1947]). A aplicação de tais técnicas aos dados fonéticos possibilitou identificar os fonemas que constituem a língua Deni, a saber: /p, b, t, d, k, ts, dz, m, n, r, v, h, p^h, t^h, k^h, a, ε, i, u/.

Outro aspecto da fonologia da língua Deni explorado aqui foi a sílaba. Esse aspecto foi estudado seguindo os princípios da teoria não linear encontrados em Goldsmith (1990), Blevins (1995) e Kenstowicz (1994). Dessa forma, pode-se mostrar que os padrões silábicos da língua são CV e V, todas as consoantes podem ocupar a posição de *onset* e todas as vogais podem ocupar a posição de núcleo, com exceção da restrição silábica /vu/.

Seguindo a proposta das propriedades tipológicas do acento feita por Hayes (1995), foi possível mostrar que a língua Deni possui o acento fixo, ou seja, o acento é previsível e cai sempre sobre a última sílaba à direita da

palavra simples. Já em palavras compostas (uma unidade semântica formada por duas palavras), o acento secundário cai sobre a última sílaba à direita da primeira palavra e o acento principal cai sobre a última sílaba à direita da segunda palavra.

Os processos morfofonológicos identificados são a assimilação, a epêntese e a haplogogia. O processo morfofonológico de assimilação leva em consideração três momentos que envolvem mudanças na língua: 1) a língua Deni marcou a posse de terceira pessoa do singular com $|-n\epsilon|$ para masculino e $|-ni|$ para o feminino; 2) a vogal $/\epsilon/$ do $|-n\epsilon|$ desempenhou o papel de assimilação das vogais $/a/$ presentes nos radicais dos substantivos possuídos; e 3) a perda do $|-n\epsilon|$ fez que tal morfema fosse representado pelo $|\emptyset|$. O processo morfofonológico de epêntese consiste na inserção de um $/v/$, seja entre o prefixo que marca a posse de primeira ou segunda pessoa e um substantivo iniciado por vogal, seja entre o prefixo que marca primeira ou segunda pessoa e um verbo iniciado por vogal. A síncope, por fim, consiste na redução do fonema $/i/$ do *morfe* marcador de segunda pessoa do singular $|-ti-|$ e do fonema $/n/$ do morfema marcador de classe $|-na-|$. O que na forma de base é $|-ti- + -na-|$ ocorre no nível superficial como $|-ta-|$.

Diante de tudo que foi exposto, espera-se que este livro possa trazer contribuições para o conhecimento da língua Deni e, conseqüentemente, das línguas Arawá. Espera-se, ainda, contribuir para a linguística indígena brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J. R. B.; ROSA, M. C. (Orgs.). *Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p.57-84.
- ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. *What is morphology?* Malden: Blackwell, 2005.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (Org.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p.207-243.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- . *Fonologia da português – Análise pela Geometria de Traços*. Campinas: edição do autor, 1997. (Distribuição: Ed. Pontes).
- CAVALCANTE, P. B. *Frutas comestíveis da Amazônia*. 7 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.
- CHOMSKY, N. HALLE, M. *The sound pattern of english*. New York: Harper and Row, 1968.
- CLARK, J.; YALLOP, C. *An introduction to phonetics and phonology*. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p.245-301.

- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.91-124.
- DIENST, S. *A reference grammar of Kulina*. 2007. 371f. Tese (Doutorado em Linguística) – Research Centre for Linguistic Typology, La Trobe University, Bundoora.
- DIENST, S. The internal classification of the Arawan language. *Liames*, Campinas, v. 8, 2008, p.61-7.
- DIXON, R. M. W. Arawá. In: DIXON, R. M. W.; AIKHEN-VALD, A. (eds.). *The Amazonian Languages*. New York: Cambridge University Press, 1999, p.294-306.
- . *The Jarawara language of southern Amazonia*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2004.
- EVERETT, D. Sistemas prosódicos da família Arawá. In: WETZELS, L. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995. p.297-340.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil & Blackwell. 1990.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles an case studies*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.
- . *Introductory phonology*. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.
- HASPELMATH, M. *Understanding morphology*. London: Arnold, 2002.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.11-90.
- HOGG, R. M.; MCCULLY, C. B. *Metrical phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HOOPER, J. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.
- KAGER, R. Feet and metrical stress. In: DE LACY, P. (org.) *The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.195-227.
- KAHN, D. *Syllable – based generalization in English Phonology*. 1976. Tese de PhD. Cambridge, Massachusetts, MIT.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge/MA: Blackwell, 1994.

- KOOP, G.; KOOP, L. *Dicionário Deni-Português*. 1985. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/dictgram/DNDict.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- KOOP, G. *Dení verb endings*. 1980. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/DNVrbEnd.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- . *Os afixos pessoais em Deni*. 1976. Acesso em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/DNAfix.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- . *Process and roles in Deni clause structure*. 1977. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/DNClause.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais*. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1977. p.249-336.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. vol. 1, pp.105-46.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a língua portuguesa)
- MELATTI, J. C. *Juruá-Purus*. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/areas/18jurpur.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- MOORE, D.; GALUCIO, A. V.; GABAS JR, N. *O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas*. Museu Goeldi-MCT, 2008.
- MORAN, Paul; MORAN, Dorothy. *Notas sobre morfologia verbal Dení*. 1977. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/dnmorfvb.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- OLIVEIRA, T. G. & CASSARO, K. *Guia de identificação dos felinos brasileiros*. 2 ed. São Paulo: Sociedade dos Zoológicos do Brasil, 1999.
- PAYNE, T. E. *Exploring language structure: a student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

- PEZZUTI, J.; CHAVEZ, R. P. Etnografia e manejo de recursos naturais pelos índios Dení, Amazonas, Brasil. *Acta Amazônica*, Manaus, v.39, n.1, p.121-38, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672009000100013>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971 (1 ed. 1947).
- RAMIREZ, H. *Questionários*. s.d.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4 ed. Campinas: Loyola, 2002.
- _____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005, p.35-8.
- ROSA, M. C. A língua mais geral do Brasil nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, J. R. B.; ROSA, M. C. (orgs.). *Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*, Piracicaba, v. 12, n. 27, 2000, p.157-70.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SPENCER, A. *Phonology: theory and description*. Oxford: Blackwell, 1996.
- TISS, F. *Gramática da língua Madiha (Kulina)*. São Leopoldo: Oikos, 2004.
- ZEC, Draga. The syllable. In: DE LACY, P. (org.). *The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.161-94.

SOBRE O LIVRO

Formato: 12 x 21 cm

Mancha: 20,4 x 42,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Marcos Keith Takahashi

ISBN 978-85-7983-453-0



9 788579 834530

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora